

EM GUARDA

ANO 4

Para a defesa das Américas

No. 1

ABRAHAM LINCOLN



DESMORONA-SE A "NOVA ORDEM" DE HITLER

O INEVITAVEL RESULTADO DE QUATRO ANOS DE TERROR E OPRESSAO NA EUROPA

"NOVA ordem" foi o nome que Hitler deu à estrutura que ele tentou erigir na Europa sobre cadáveres e as ruínas de cidades que a máquina de guerra nazista deixou para trás nos primeiros meses da guerra.

Jamais havia se criado uma máquina de guerra semelhante, e foi usada implacavelmente, sem misericórdia, contra os vizinhos mais fracos. Com exceção do caso da França, o golpe foi lançado sem aviso, quando as vítimas dormiam. Assim caíram a Polónia, a Dinamarca, a Noruega, a Holanda, a Bélgica, a Iugoslávia e a Grécia. Depois, chegou a vez da Rússia.

Três nações escaparam: a Hungria, a România e a Bulgária, mas o preço que pagaram foi excessivamente alto, por isso que se converteram em salóites da Alemanha, usando seus recursos naturais e humanos para instituir na Europa a "nova ordem" de Hitler.

Ao concluírem os exércitos alemães sua obra de destruição, as autoridades nazistas de ocupação se apoderaram dos recursos materiais dos países conquistados e escravizaram seus povos.

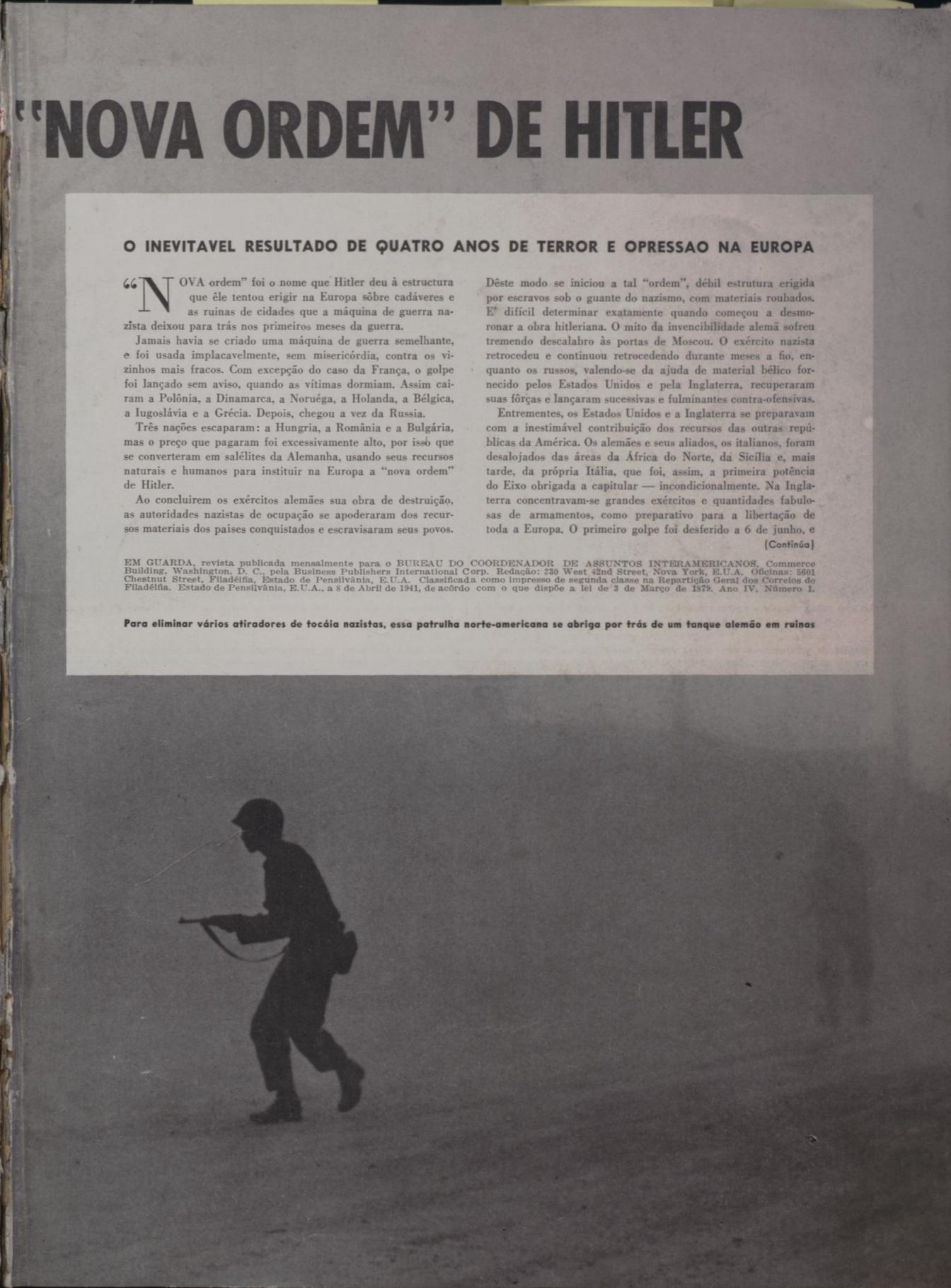
Deste modo se iniciou a tal "ordem", débil estrutura erigida por escravos sob o guante do nazismo, com materiais roubados. É difícil determinar exatamente quando começou a desmoronar a obra hitleriana. O mito da invencibilidade alemã sofreu tremendo descalabro às portas de Moscou. O exército nazista retrocedeu e continuou retrocedendo durante meses a fio, enquanto os russos, valendo-se da ajuda de material bélico fornecido pelos Estados Unidos e pela Inglaterra, recuperaram suas forças e lançaram sucessivas e fulminantes contra-ofensivas.

Entretanto, os Estados Unidos e a Inglaterra se preparavam com a inestimável contribuição dos recursos das outras repúblicas da América. Os alemães e seus aliados, os italianos, foram desalojados das áreas da África do Norte, da Sicília e, mais tarde, da própria Itália, que foi, assim, a primeira potência do Eixo obrigada a capitular — incondicionalmente. Na Inglaterra concentravam-se grandes exércitos e quantidades fabulosas de armamentos, como preparativo para a libertação de toda a Europa. O primeiro golpe foi desferido a 6 de junho, e

(Continua)

EM GUARDA, revista publicada mensalmente para o BUREAU DO COORDENADOR DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, Commerce Building, Washington, D. C., pela Business Publishers International Corp. Redação: 230 West 42nd Street, Nova York, E.U.A. Oficinas: 5601 Chestnut Street, Filadélfia, Estado de Pensilvânia, E.U.A. Classificada como impresso de segunda classe na Repartição Geral dos Correios de Filadélfia, Estado de Pensilvânia, E.U.A., a 8 de Abril de 1941, de acordo com o que dispõe a lei de 3 de Março de 1879, Ano IV, Número 1.

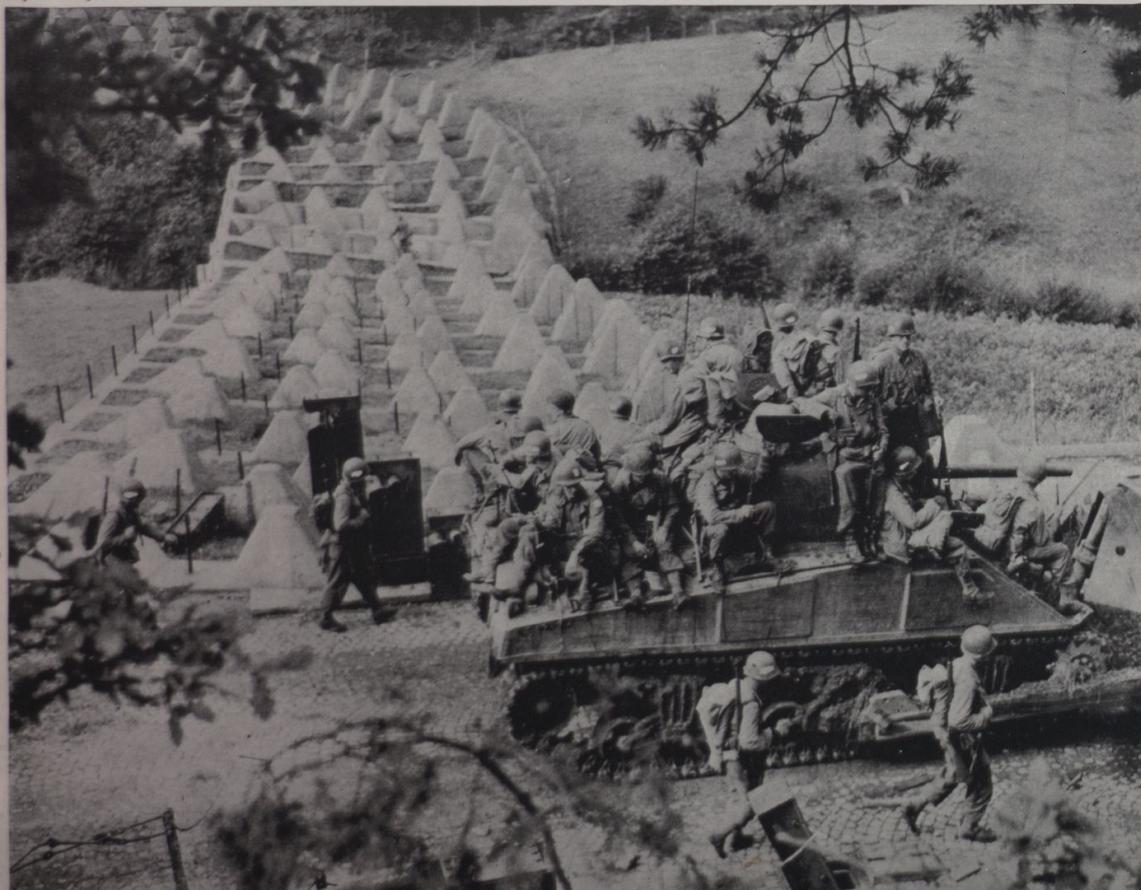
Para eliminar vários atiradores de tócia nazistas, essa patrulha norte-americana se abriga por trás de um tanque alemão em ruínas





A que está reduzido o outrora poderoso exército alemão: soldados nazistas rendendo-se em massa a um simples soldado norte-americano, na França

Depois de pulverizarem com a sua superior artilharia os "dentes de dragão" da linha Siegfried, as tropas norte-americanas invadem a Alemanha



Dissipando a lenda de que a Alemanha jamais seria invadida: possantes canhões da artilharia americana, de 155 mm., montados em tratores, silenciam a resistência do inimigo na linha Siegfried. Em baixo: Arrostando o mortífero fogo dos defensores nazistas, soldados da infantaria norte-americana escalam um muro de quase quatro metros de altura para se colocarem em posição mais vantajosa, flanqueando o inimigo

a estrutura nazista não pôde resistir. Na França, tal como na Itália, o povo verificou que as promessas da nova ordem eram tão falsas como o mito dos superhomens, e os franceses contribuíram enormemente para alargar as brechas abertas nas defesas alemãs pelas armas aliadas.

A catástrofe nazista ocorreu no solo de uma nação que Hitler pensara ter conquistado totalmente em 1940. Os nazistas qualificaram de "decadente" a França e as demais democracias do mundo, mas a única decadência que as forças aliadas encontraram na França e nos demais países que cercam a Alemanha e nos quais se havia instituído a "nova ordem", foi a da organização política e militar do nazismo, que se desmoronou ao embate dos aliados.

A medida que a infantaria e os tanques dos Estados Unidos avançaram pelo ocidente da França, e depois para o sul e para o nordeste, as divisões nazistas cederam ante as forças superiores. Atacados pela primeira vez no oeste com armas mais potentes e em maior número, as tropas de Hitler foram se rendendo em número cada vez maior. Os asséclas do nazismo, os dirigentes e os colaboradores da "nova ordem" puseram-se em fuga com os exércitos alemães, temerosos de fazer frente aos povos que eles haviam saqueado, humilhado e dizimado durante quatro anos.

Mais tarde, na frente italiana, forças norte-americanas, inglesas, brasileiras, australianas e hindús compeliaram os alemães a procurar refúgio na sua "linha gótica", poderosamente fortificada, enquanto que ao sul da França, outros exércitos aliados avançavam rapidamente para fazer ligação com as forças americanas, inglesas e canadenses que combatiam mais ao norte. Breve, o Terceiro Exército dos Estados Unidos, sob o comando do tenente-general George S. Patton, atravessou a antiga "linha Maginot",

(Continúa)





Um bombardeiro B-26, dos Estados Unidos, atingido pelo fogo anti-aéreo do inimigo, projeta-se com o motor destruído e uma asa em chamas sobre o solo francês. Em baixo: A eficácia com que as forças aéreas abriram o caminho para o avanço das forças terrestres se demonstra com essa vista das ruínas de um depósito de gasolina dos alemães, bombardeado pelo ar. Foi uma perda irreparável para o inimigo

com tal rapidez que foi necessário pedir apressadamente novos mapas de campanha, os quais foram enviados, numa quantidade de dez toneladas, lançados em para-quedas, para que não se interrompesse a invasão.

Ao norte, os exércitos dos Estados Unidos, da Inglaterra e do Canadá avançavam até a Bélgica para libertar o valoroso povo que havia quatro anos sofria sob o jugo da "nova ordem", e que os recebeu com um entusiasmo que rivalizou com o manifestado pouco antes pelos parisienses. Quando as forças libertadoras alcançaram a Holanda e o grão-ducado de Luxemburgo, as populações, livres afinal da execranda opressão, as receberam com igual contentamento.

Ao aproximarem-se as forças aliadas das fronteiras dessas nações, eram então perfeitamente visíveis os indícios do desmoronamento da estrutura nazista. Grande número de operários, forçados a trabalhar para a máquina de guerra alemã, abandonaram as fábricas; outros passaram a fazer a "grève branca", dificultando a produção.

Em seus avanços, as forças aliadas enfrentaram grandes concentrações de tropas inimigas, reunidas para impedir a invasão do solo que Hitler qualificou de "sagrado". Mas a guerra relâmpago que o ditador havia lançado sobre o solo não menos sagrado das nações fracas foi, desta vez, de efeito inverso, e os exércitos dos Estados Unidos, obrigando os alemães a recuar ao norte e no centro da França, penetraram no Reich através da decantada "Muralha Ocidental."

Essa muralha, constituída por um grande sistema de defesas de aço e cimento foi levantada por Hitler, de 1936 a 1939, sendo tida como inexpugnável. Enquanto se preparava para a guerra, Hitler construiu essa formidável linha de defesa com a idéia de proteger a Alemanha contra uma invasão pelo ocidente. As defesas se estendem desde a Basileia, na fronteira suíça, até Cleve, na fronteira holandesa. Em seus pontos mais fortificados têm setenta casamatas de três a quatro metros quadrados, com capacidade para uma guarnição de seis a oito homens. As casamatas estão protegidas por estacadas metálicas dentadas, contra os tanques, e por áreas minadas e emaranhadas cercas de arame farpado. Cada

(Continúa)



Capturado pelos americanos, esse general alemão contempla o seu mísero futuro, completamente vazio das grandes conquistas



uma está colocada de tal modo que protege a que lhe fica mais perto e estão agrupadas para proteger forças maiores, dispondo de armamentos mais pesados.

Contudo, os exércitos norte-americanos atravessaram a linha, com infantaria, tanques e artilharia, desfechando ataques em todas as direções. Dêste modo, poderosas colunas penetraram os domínios do próprio Reich, verificando que numerosas casamatas estavam vazias, que vários fortes estavam desprovidos de artilharia e que, em geral, as fortificações não contavam com guarnições suficientes. Assim se demonstrou o efeito debilitante dos tremendos bombardeios aéreos dos aliados contra a indústria bélica germânica. Demais, segundo o admitiu a própria palavra oficial de Berlim, o armamento moderno dos aliados tornou a Muralha Ocidental tão fraca e antiquada como a Muralha do Atlântico.

Ao passo que as forças aéreas dos aliados continuavam em seus ataques contra as linhas de comunicações, contra as concentrações de tropas e contra as fábricas de armamentos do inimigo, as forças terrestres iniciaram um movimento para flanquear a muralha. Essa ousada operação ameaçou de deixar a descoberto a Alemanha setentrional, enquanto que as colunas motorizadas inglesas avançavam a oeste e contra o extremo norte da decantada muralha.

Por sua vez, os russos atacaram duas entradas do Reich: uma pela Polónia Central, outra pelo vale do Danúbio. Forças aliadas atravessaram então o Adriático, partindo da Itália, para invadir a Albânia e ocupar os Balcans.

Já então a "nova ordem" começou a vir abaixo com maior fragor. Em franco desacato às autoridades nazistas, milhares de alemães das províncias renanas não obedeceram à ordem de evacuação, e apesar de terem os chefes nazistas advertido que os recalcitrantes seriam considerados traidores, grande parte

O fim de uma era. Soldados americanos arriam a suástica nazista do edifício que serviu de clube dos oficiais alemães em Brest. Em baixo: Libertados depois de quatro anos de dominação alemã, os habitantes do condado de Luxemburgo recebem com flores as tropas aliadas



da população civil permaneceu impassível, à espera das forças aliadas. Essa é mais uma prova de que até mesmo dentro dos seus próprios arraiais, Hitler também encontra aqueles que estão fartos de esperar pelos benefícios da "nova ordem," baseada na opressão, no roubo e nos sacrifícios de tantas nações.

Ao estender-se a batalha do Reno, transformando-se em ação decisiva, a România, a exemplo da Itália, que capitulou um ano antes, rompeu sua aliança com a Alemanha, passando para o lado dos aliados. Pouco depois, a Bulgária fez o mesmo e a Finlândia firmou armistício com a Rússia e a Inglaterra, começando imediatamente a lutar contra as forças alemãs que se retiravam do seu território.

Finalmente, os canhões dos aliados apontaram contra a Hungria, e Adolfo Hitler ficou sozinho, aguardando o desenlace. A conquista de seus vizinhos, incapazes de resistir ao seu ataque, lhe proporcionou quase um continente inteiro, numa extensão de 3.341.000 quilômetros quadrados. Hoje está obrigado a defender o corno da sua própria Alemanha. Os países que nominalmente estiveram sob o regime nazista rebelaram-se todos. A resistência dos franceses, dos poloneses, dos iugoslavos e dos gregos está sendo emulada em toda parte.

O desastre que sobreviu para Hitler e seus sequazes nazistas é evidente demonstração de que o terror, a opressão e a carnificina não são base para se erigir uma "nova ordem", nem na Europa nem em qualquer outra parte do mundo.

Quando mais se acentuava o desmoronamento da criação hitleriana, o Presidente Franklin D. Roosevelt e o Primeiro-Ministro Winston Churchill reuniram-se pela segunda vez, em Quebec, para tratar do plano segundo o qual o potencial dos Estados Unidos e da Inglaterra far-se-á sentir contra o Japão. E, ao mesmo tempo, os dois estadistas consideraram os problemas resultantes da destruição causada por Hitler na Europa.

O Primeiro Ministro Churchill (à direita), o Presidente Roosevelt e o Primeiro Ministro MacKenzie, do Canadá, comentam com os jornalistas os resultados finais da conferência de Quebec. Em baixo: Tropas inglesas em marcha pela Holanda para atacarem os alemães





Os primeiros brasileiros a entrarem na primeira cidade italiana libertada pela Fôrça Expedicionária Brasileira. (Da esq. para a dir.): sargento Plínio Gonçalves, do Distrito Federal, e soldados José Marques Netto, de Minas Gerais, e Helber Gonçalves, (atrás) do Maranhão



Os cabos Nilo José Alves (à direita) e João Queiroz Benites quando interrogavam três alemães capturados em território recém-ocupado pelas tropas brasileiras. Em baixo: Depois de ocuparem uma povoação italiana, uma coluna da Fôrça Expedicionária Brasileira prossegue por uma estrada, em perseguição às tropas alemãs que se retiraram precipitadamente



FÔRÇAS BRASILEIRAS NO "FRONT"

Como correspondentes do Bureau do Coordenador de Assuntos Interamericanos, Frank Norall e Alan Fisher estão acompanhando as operações da Fôrça Expedicionária Brasileira na frente italiana. No seguinte artigo, Norall descreve um dos grandes momentos — quando a artilharia brasileira entrou em ação. Os fotos são de Fisher.

PARA o simples observador não havia nada de extraordinário naquele dia de setembro, quando a peça número 1 da primeira bateria disparou uma granada de 105mm. sôbre as posições nazistas ao Norte da Itália. Mas para a hábil guarnição da peça, seus compatriotas e para as tropas aliadas em toda parte, foi um histórico momento: os grandes canhões da Fôrça Expedicionária Brasileira começavam a entrar em ação num dos principais setores, desesperadamente defendido pelos alemães, que se vêem atualmente acuados em todas as suas principais linhas de defesa — ao sul, a leste e a oeste.

Aquele primeiro balaço recebera especial atenção dos artilheiros brasileiros, pois, no canhão estava escrito a giz: *A cobra está fumando*. Era um simples aviso aos nazistas de que a pericla brasileira no tiro já estava em cima deles. O primeiro projétil foi apenas de fumaça, para verificar a mira — uma casa onde os alemães tinham seu posto de observação.

Ao soldado José Maria Alves Torres, de Viçosa, Minas, coube a honra de fazer o primeiro disparo. E a seguir, a bateria inteira rompeu fogo. O posto de observação nazista desapareceu numa nuvem de poeira e fumaça.

Desde então a artilharia brasileira do Quinto Exército tem estado a arrazar posições do inimigo nas montanhas, apoiando o avanço da infantaria brasileira. Em 15 minutos a artilharia brasileira fez 176 disparos e, pela narrativa dos próprios prisioneiros inimigos, os efeitos foram tremendos, infligindo enormes perdas às tropas nazistas.

O General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, observou as operações da artilharia, da infantaria e das tropas mecanizadas, durante sua recente visita à frente aliada do Quinto Exército, em companhia do Tenente-General Mark W. Clark, respectivo comandante.

Os dois generais estavam acompanhados nessa inspeção pelo General de Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes, comandante da Fôrça Expedicionária Brasileira, do Coronel Bina Machado, chefe do gabinete do Ministro da Guerra e do Primeiro-tenente Antonio João Dutra, ajudante de ordens.



O General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, passa em revista as tropas brasileiras no "front" italiano, em companhia do Tenente-General Mark W. Clark, comandante do Quinto Exército dos E.E.U.U. A visita do titular brasileiro coincidiu com o primeiro combate



Uma bateria brasileira ajudando a romper a "linha gótica", atacando-a com seus canhões de 105 milímetros. As fôrças brasileiras, na sua primeira semana no campo de batalha, avançaram 16 quilômetros em acidentado terreno ao norte da Itália facilitando assim o avanço dos exércitos aliados em direção ao vale do rio Pô

Meninos italianos libertados por um destacamento de tropas brasileiras na sua avançada na Itália, cercam seus libertadores, dando-lhes as boas vindas





O Museu Escolar de Brooklyn diverte e educa. Eis uma gentil visitante que se deleita com várias bonecas estrangeiras e se familiariza com os seus trajas

Enquanto dorme tranquilamente numa das mesas do museu, esse bichano serve de modelo para pequeninas escultoras, interessadas em reproduzi-lo na argila



MUSEU ESCOLAR

EM 1899, o Instituto de Artes e Ciências de Brooklyn, animado pelo desejo de aproximar o mais possível a escola e a vida, através de lições de coisas e exercícios de observação, criou um museu no qual os professores pudessem desenvolver sua técnica nos princípios práticos da "escola ativa". Os resultados foram de todo satisfatórios, mas, por mero acaso, ultrapassaram os objetivos dos lançadores da idéia.

E' que, quando o museu fosse organizado exclusivamente para professores, certo dia, vários meninos e meninas que brincavam no parque fronteiro ao estabelecimento, ao notarem a taboleta sobre a porta de entrada — "Museu Infantil" — não puderam reprimir sua curiosidade e, cautelosamente, penetraram os humbrais daquele centro de conhecimento. Suas salas cheias de estantes e mostruários bem dispostos, repletos de variadas coleções de objetos que prendiam naturalmente a atenção, as "figuras" nas paredes, os instrumentos e aparelhos, tudo era realmente de despertar no espírito infantil um extraordinário interesse, sequioso de explicações e esclarecimentos. E desde aquele dia, cresceu constantemente o número de jovens visitantes ao museu, chegando a atingir um total de milhares todas as semanas.

Assim surgiu o primeiro verdadeiro museu escolar nos Estados Unidos. Os professores continuam a ter no museu um elemento básico de primeira classe para suas modernas cogitações pedagógicas, mas as galerias em exibição são cuidadosamente dispostas para estimular na criança um inte-

Esse menino (à esquerda) ouve atentamente a explicação que lhe dá o instrutor, sobre minérios e pedras das Américas e sua aplicação no esforço de guerra

No laboratório do museu (à direita): põdo à prova, em experiências práticas, as lições estudadas nos livros

resse objetivo, animando-a a buscar por si mesma tanto quanto possível, a razão de ser das coisas que a cercam na vida quotidiana.

Os mostruários atraem instintivamente a atenção do colegial, quer se trate de história natural, de geografia, de fenômenos físicos, estudos sociais, de música ou pintura. Uma galeria inteira, por exemplo, realça, por meio de dinoramas, a história do mundo. Sob o mostruário dedicado a cada nação há uma gaveta onde se encontram amostras dos seus principais produtos e outros objetos de interesse.

Mas a vantagem do museu não se restringe apenas a mostrar. As circunstâncias impuseram a necessidade de se aparelhar o estabelecimento para ensinar também. Daí a criação de cursos de desenho e pintura, de escultura, de xilografia, além de outros, científicos, e até de criação de abelhas.

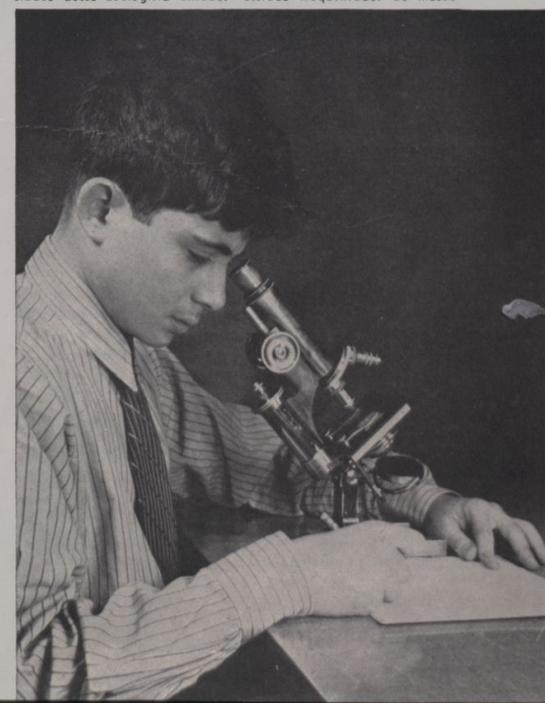
O museu tem alcançado tanta popularidade que, aos sábados, há uma afluência de dois a três mil visitantes. Muitos comparecem agremiados em clubes infantis, clube dramático, clube dos exploradores, clube dos índios, dos reptis, enfim, de especialidades cultivadas assiduamente por grupos de colegiais. O museu dispõe de várias oficinas e laboratórios de física e química, de uma seção de história natural e de zoologia, de uma sala de composição e impressão, perfeitamente equipada, e de uma biblioteca que também empresta seus livros.

Há pouco tempo, por causa da guerra, o Museu Escolar, entrou em crise de empregados. Sessenta e cinco foram incorporados às forças militares, restando apenas oito curadores e alguns dos membros da administração. Com seus trabalhos acrescidos, pois agora ocupa dois prédios, o museu estava prestes a cerrar várias de suas salas e reduzir as horas da frequência infantil. Mas de numerosos colegiais partiu prontamente a sugestão no sentido de serem eles aproveitados para manter os serviços do museu à disposição dos estudiosos. Setenta e cinco meninos e meninas, de 8 a 16 anos, se ofereceram para auxiliar. Dessarte, o museu continua com sua concorrência habitual.



Dos visitantes, muitos se interessam pelas ciências, outros, pelas artes. O Museu Escolar procura proporcionar todos os meios de atender às diversas preferências, conforme se vê na gravura acima

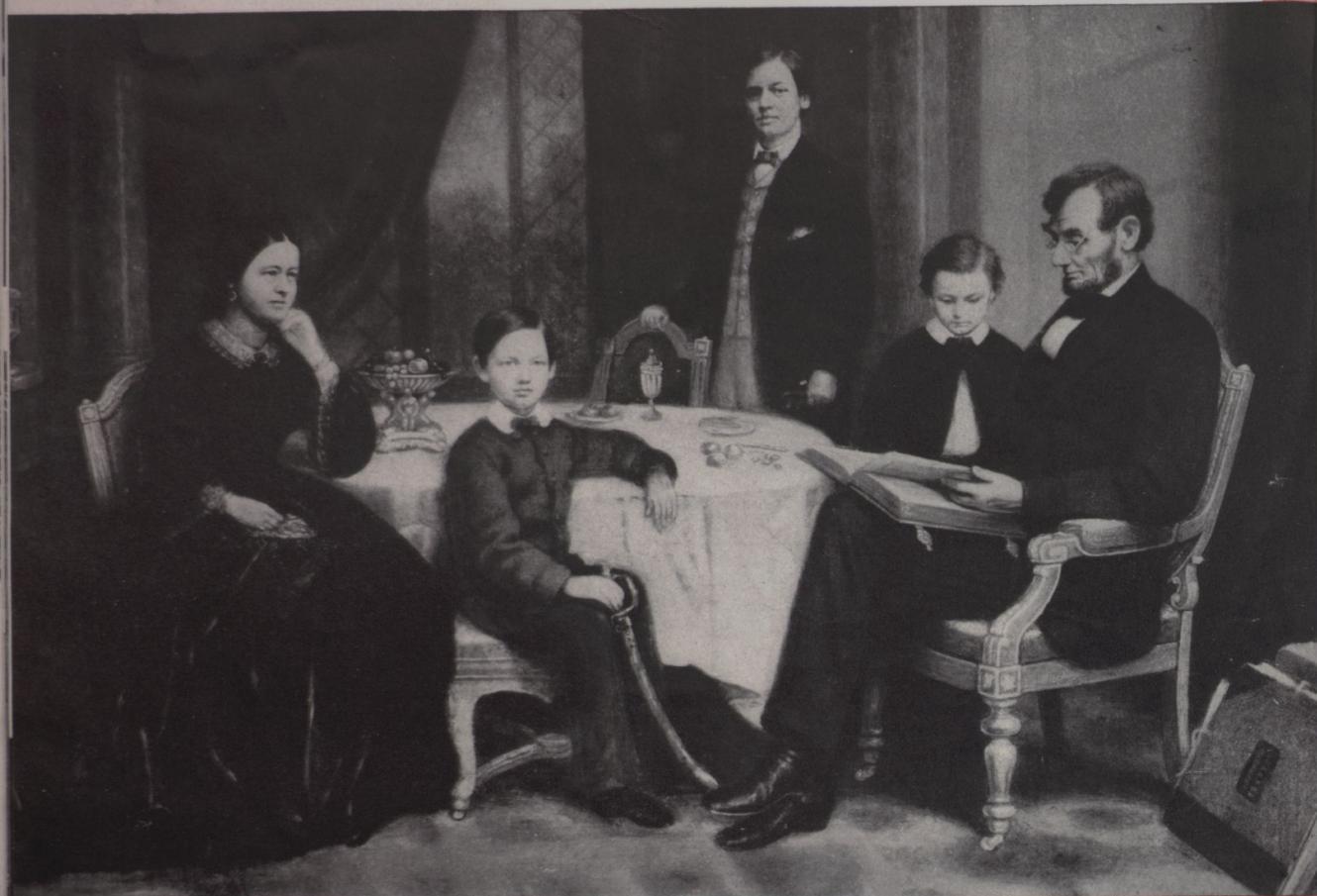
Através do microscópio, um novo mundo surge aos olhos estasiados desse zoologista amador, assíduo frequentador do museu



Os pássaros têm sido sempre um dos interesses favoritos das crianças, mas poucas têm tido ocasião de tocar-lhe as penas, assim



ABRAHAM LINCOLN



"E aqui estão os que constituem toda a minha família," aludiu Lincoln, quando presidente, a essa fotografia que tirou com sua esposa e seus três filhos

O retrato a óleo de Abraham Lincoln reproduzido na capa deste número foi legado ao governo dos Estados Unidos pelo filho do saudoso presidente. É trabalho de G. P. A. Healy e está num dos salões da Casa Branca.

A HISTÓRIA da vida de Abraham Lincoln é das mais conhecidas e apreciadas pelo povo dos Estados Unidos. É a história do jovem de humilíssima origem que se tornou dos maiores homens de sua pátria; que foi o décimo-sexto presidente da República e dirigiu a memorável campanha, batendo-se para que todos seus compatriotas fossem homens livres.

Nascido em tosca cabana nas montanhas de Kentucky, em 1809, Abraham Lincoln alcançou sua grandeza dando os maiores exemplos na luta contra obstáculos que pareciam insuperáveis, exemplos de ingentes sofrimentos e de extraordinária perseverança. Venceu pela sua honestidade, pela sua lealdade e pela sensibilidade com que sabia compreender seus semelhantes — qualidades que lhe grangearam imorredoura lembrança no mundo inteiro.

Lincoln tinha infinita fé na sabedoria e na dignidade dos simples. Acreditava firmemente no "governo do povo, pelo povo e para o povo"; esforçava-se por aplicar o que de melhor ensinava a história, e seu propósito era fazer sempre o bem sem olhar a quem. E deu inúmeras provas disso.

Era a maneira de homem humilde, de extrema simplicidade. Seus pais foram pioneiros, gente primitiva, que passaram pela vida analfabeta. Criou-se em cabanas, na parte que era então a zona da mata dos Estados Unidos. Aos nove anos, Lincoln ficou órfão de mãe. Sua irmã, Sarah, assumiu os encargos maternos. Durante a juventude, recebeu o que se pode chamar de equivalente a um ano de primeiras letras, o bastante para habilitá-lo a ler e escrever e resolver problemas elementares de aritmética.

O homem que viria a ser chefe da Nação e reverenciado pelo mundo, foi rapaz tipicamente do interior, da roça, desageitado e mal contido em suas roupas sempre curtas e apertadas. Cresceu como poucos, passando de dois metros de altura, com braços e pernas desmesuradamente longas. Era de movimentos lentos, mas de constituição robusta e dado a desportos pesados, luta romana, por exemplo. Gostava da boa palestra, de sentar-se no armazém da vila e contar anedotas e imitar oradores políticos que apareciam pelas redondezas.

Contudo, mesmo então já se refletia na sua pessoa toda a grandeza do seu caráter. Era calmo, despretencioso e maneiroso, fazendo estimar-se por todos quantos o conheciam. Não bebia nem fumava. Mas a par da sua característica jovialidade, havia um como que de tristeza, que o prendia a períodos de profunda melancolia e de contemplanções poéticas. Era voraz na leitura. Liu tudo que lhe caía nas mãos e decorava longos trechos da

Bíblia e Shakespeare. E como tantos outros do seu tempo, num país que progredia a olhos vistos, Lincoln dava a máxima importância ao estudo. Enquanto trabalhava de caixeiro de venda e fazia biscates rachando toras de madeira para cercas, ou plantando milho, estudava à noite, deixando absorver-se na leitura dos livros de direito, e foi assim que conseguiu tornar-se advogado.

Foi por mero acaso que Lincoln ingressou na política. Quando faliu o armazém no qual era empregado, aceitou o lugar de agente do Correio da vila de New Salem, no Estado de Illinois. Aí granjeou amigos e admiradores que, em 1834, o elegeram para a legislatura estadual, para a qual, aliás, foi reeleito três vezes.

A esse tempo, a questão abolicionista empolgava a nação. Nos Estados do Norte formavam-se agremiações a favor da abolição do braço escravo, que só existia no Sul. Algumas dos grupos recorreram à violência para libertar escravos. O fato foi condenado da tribuna da Legislatura de Illinois. Lincoln e um colega lançaram protesto, declarando que, embora tais violências agravassem a situação, a escravidão continuava a ser um mal "apoiado na injustiça e na má política."

Todo o resto de sua vida pública o teve identificado com a causa abolicionista. Sua foi a histórica declaração, referindo-se ao Congresso e ao governo, quando se apresentou sua candidatura ao Senado da República, em 1858:

"Uma casa dividida contra si mesma não pode se sustentar. Não creio que nosso governo possa perdurar, com opinião meia escrava, meia livre. Não espero que a União se dissolva, nem receio que a casa caia, mas espero que deixe de continuar dividida. Ou se torna completamente uma coisa ou completamente outra."

Lincoln, o presidente

Com essa afirmação Lincoln assumiu sua atitude definitiva contra qualquer continuação do cativo e assim foi eleito presidente, em 1860. O grande humanitário era querido e adorado pelo povo do Norte com o mesmo grau de intensidade com que o detestavam os senhores de escravos do Sul.

Quando tomou posse em 1861, os Estados do Sul tentaram separar-se da União. Lincoln opôs-se. Para ele, a União devia ser indissolúvel. Estalou a guerra civil. Lincoln apelou para o voluntariado para servir no exército federal. A luta continuou por espaço de quatro anos, a princípio favorável ao Sul, aos Confederados. A guerra e os sofrimentos dela decorrentes foram causa constante de profundo pesar para Lincoln. O presidente não escondia seu extremo desejo de uma batalha que pusesse termo à luta, ou de um acordo aceitável pelos Estados do Sul. Mas nada foi possível, e em 1º de janeiro de 1863, lançou a Proclamação de Emancipação, declarando que todos os escravos seriam, a contar dessa data, "livres para sempre". E assim foi extinta a escravidão nos Estados Unidos.

Enquanto presidente, Lincoln fez poucos discursos, mas dentre estes alguns passaram à História não somente pelas idéias como pela forma, verdadeiras obras-primas, adotadas nos programas escolares. Lincoln era bom orador, começando seus discursos, em geral, hesitantemente, mas ganhando ímpeto à medida que o animava a grande força da sua sinceridade. Sua curta oração pronunciada em Gettysburgh é geralmente considerada como das mais belas na literatura norte-americana.

Começa recordando: "Há oitenta anos que nossos antepassados fundaram neste continente uma nação, concebida na liberdade e dedicada ao princípio de que todos os homens foram criados iguais..." e termina com um apelo aos presentes para que "o governo do povo, pelo povo e para o povo não desapareça da face da terra."

Reeleito por grande maioria, Lincoln assumiu a presidência no segundo quadriênio em 4 de março de 1865. A guerra estava em vias de seu termo, com a vitória da União, e Lincoln, pressentindo a tarefa de restabelecer e consolidar a União, fez outro memorável apelo:

"Sem malícia para ninguém, com bondade para todos, esforcemos-nos para terminar a obra empreendida, curando as feridas da pátria, cuidando dos que combateram, de suas viúvas e seus órfãos, fazendo enfim tudo que estiver ao nosso alcance para desfrutarmos uma paz justa e duradoura, não somente entre nós, mas no concôrdo das nações."

A 8 de abril ouviu-se o último disparo de artilharia. A guerra havia terminado. Cinco dias depois, o presidente, sentado num camarote do Teatro Ford, em Washington, foi alvo de uma bala assassina que lhe roubou a vida. Passou a noite inconciente, vindo a falecer pela manhã. Do trem que conduzia o cadáver para Illinois, escreveu um correspondente: "O povo não se manifesta ruidosamente; chora em silêncio a sua perda. Não o aclama como a um semi-deus; lamenta a perda de um amigo. Não lhe oferece um lugar vistoso na galeria dos heróis: acolhe-o no seu próprio coração."

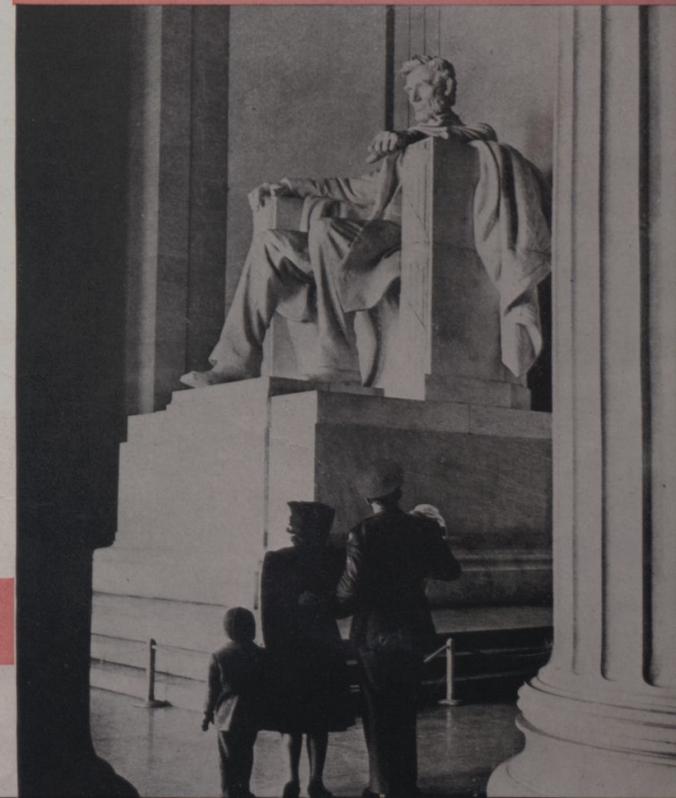
O Monumento de Lincoln, em Washington. Esse templo, erigido à memória do presidente-mártir, é simbólico da veneração do povo cuja união ele perpetuou



O antigo Fôro de Illinois, onde Lincoln iniciou a advocacia. Mais tarde, aconselhou: "Quem não puder ser advogado honesto, que seja honesto sem ser advogado"



Por ocasião da consagração do cemitério nacional nos campos onde se feriu a Batalha de Gettysburgh, Lincoln pronunciou famoso discurso, no qual apelou para que "o governo do povo, para a povo e pelo povo" sempre perdurasse



AS DISTÂNCIAS SÃO UM OBSTÁCULO NO PACÍFICO



E' PRECISO olhar o mapa para ter idéia do que são as distâncias no Oceano Pacífico relativamente à guerra contra o Japão. Da costa do Atlântico à costa do Pacífico, nos Estados Unidos, por exemplo, a distância é de 4.800 quilômetros, aproximadamente. Da costa da Califórnia a Pearl Harbor, nas ilhas de Hawaii, a principal base naval americana no Pacífico, a distância é de 2.400 milhas. De Pearl Harbor às ilhas Filipinas, é de 1.800 milhas e das Filipinas a Tóquio, 1.800.

Tais são algumas das enormes distâncias a vencer na ofensiva contra as ilhas imperiais japonesas. E' ao longo desse extensíssimo percurso que se torna indispensável manter constante a movimentação de navios de guerra, de transportes de tropas e de abastecimentos. A história ainda não registou uma guerra assim, travada em área tão vasta. O círculo máximo das hostilidades no Pacífico já se distendeu até a Nova Guiné e as ilhas de Salomão, a quase 4.000 milhas de Tóquio, e quase 5.000 milhas de Pearl Harbor. Ia desde Dutch Harbor, no Alaska, a 2.350 milhas ao norte de Pearl Harbor, encerrando na sua órbita milhares de ilhas, muitas das quais poderosamente fortificadas, situadas entre o Mar da China e Pearl Harbor, e entre a Nova Guiné e o Japão.

Dessa enormidade de distâncias emergiu naturalmente nova tática de guerra, a exigir poderosa esquadra, cuja movimentação fosse a mais rápida possível e cujo raio de ação o maior até então alcançado. Enfim, esquadra capaz de deixar suas bases e navegar por milhares de milhas, sempre alerta e pronta

(Continúa)

Soldados navais, no assalto contra a ilha de Peleliu, abrigam-se contra o fogo dos desesperados japoneses que foram finalmente vencidos



← **Os ataques** aéreos contra a indústria bélica japonesa. Vê-se na gravura as usinas de Anshan, na Mandchúria, ao serem atingidas por cargas de explosivos lançadas pelos bombardeiros norte-americanos



Paraquedistas americanos saltando no aeródromo das ilhas de Noamfoor, a oeste da Nova Guiné. Sua captura pós as Filipinas a 100 milhas de distância

para entrar em fogo; em condições de atacar, capturar ou isolar as bases inimigas onde quer que estivessem. Para isso desenvolveu-se a tática anfíbia, tática de coordenação por excelência, na qual as forças navais, aéreas e de desembarque entram em ação com precisão cronométrica, em ataque de relâmpago, paralyzando o inimigo com um golpe certo, sem lhe dar tempo de recuperar suas forças.

O traiçoeiro ataque de Pearl Harbor, em 1941, deixou a esquadra americana temporariamente imprestável. E se as grandes distâncias impediram que o inimigo tentasse a ocupação das ilhas de Hawaii, também foram um óbice à esquadra americana para tolher os japoneses no assalto e ocupação das ilhas Filipinas, de Hong Kong, das Índias Holandesas, das ilhas de Salomão e da Nova Guiné. No decorrer de um ano estavam os japoneses vantajosamente situados no Pacífico Central, chegando até a avançar contra as ilhas Aleutas, no extremo setentrional, bombardeando Dutch Harbor e pondo em risco a América do Norte.

Em 1942, o Japão já dominava centenas de ilhas na vastíssima área do Pacífico. As rotas que levavam a Tóquio pareciam então pontilhadas de intransponíveis barreiras. Essa era a impressão que os japoneses queriam que se sentisse. Mas foi aí que falhou o seu plano estratégico.

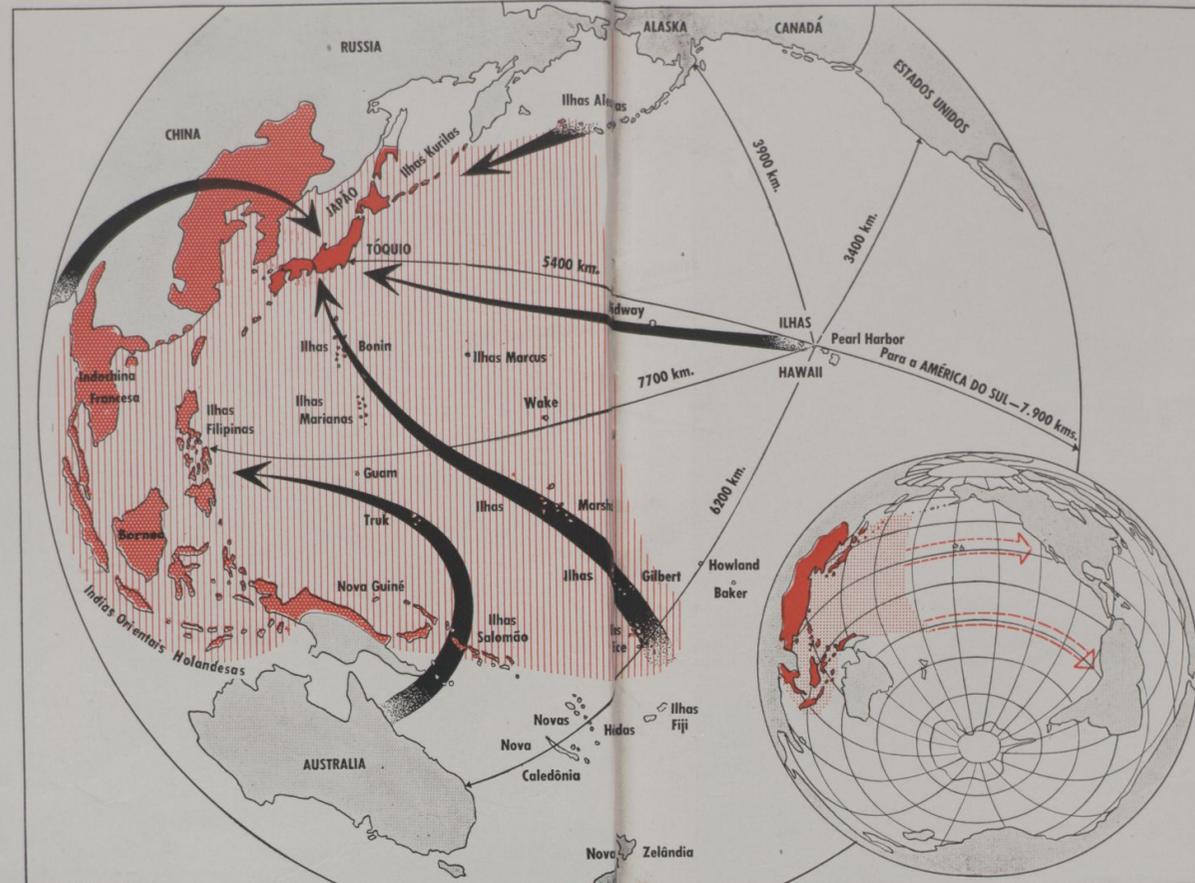
Milagre de construção

Para os Estados Unidos, depois de Pearl Harbor, urgia a construção de poderosa esquadra, o mais breve possível, fato que se verificou como um verdadeiro milagre, pois, em menos de dois anos, o número de suas unidades de todos os tipos atingiu o dobro. Estava então a esquadra em condições de permanecer em operações a 6.000 milhas dos Estados Unidos e a 3.500 milhas de Pearl Harbor, dispondo de 37.000 moderníssimos aviões e de cem navios porta-aviões.

Desde as tremendas derrotas sofridas pelos japoneses no Mar de Coral e em Midway que se certificaram de que as distâncias já não constituía para eles a ansiada táboa de salvação. Não tardou, pois, que fossem perdendo uma a uma as ilhas que tinham em seu poder. Nelas foram os americanos estabelecendo utilíssimas bases para os posteriores ataques levados a efeito contra o inimigo, em suas próprias águas territoriais.

A esquadra americana, já em condições de expandir sua ação no Pacífico, foi dominando vários pontos estratégicos, para impedir maior penetração do inimigo e, ao mesmo tempo, facilitar a execução do plano de ataque que, partindo de vários pontos, apesar da vastidão das distâncias, iria restringindo a movimentação dos japoneses dentro da própria área que eles conquistaram. A Terceira Esquadra americana, em seu serviço de patrulhamento, por exemplo, tem percorrido uma superfície de 400.000 milhas quadradas no período de oito dias. Por aí pode ter-se uma idéia dos recursos navais necessários para operações de tal natureza.

A esquadra, dividindo-se em várias forças para ataques de conjunto, começou a desenvolver sua ação com tal rapidez e precisão que o inimigo, na maioria dos casos, tem sido tomado de surpresa. E agora, enfrentando por sua vez os precalços das distâncias, os japoneses vêem-se impossibilitados de enviar



PICTOGRAPH CORPORATION

Neste mapa se vê como tem mudado a situação na guerra no Pacífico. Em 1942, os japoneses avançaram até as praias da Nova Guiné (área sombreada a vermelho), ilhas Gilbert e ilhas Aleutas, ameaçando a própria América. Hoje, os invasores estão recuando em todas as setores, impossibilitados de impedir o vasto movimento envolvente

Navios japoneses ardendo no porto da ilha de Mindanáu, nas Filipinas, após o intenso ataque aéreo americano, lançado de navios porta-aviões. Esse e outros ataques às ilhas próximas estão apertando o cerco das Filipinas

recursos ou reforços às suas forças frequentemente sitiadas de tal maneira que a resistência, por mais violenta que seja, torna-se completamente inútil.

Atuando em áreas de mais de mil milhas, as forças navais americanas, com seus numerosos porta-aviões, foram intensificando os ataques, primeiro aéreos, depois com os poderosos canhões de suas baterias, "nivelando" o litoral de numerosas ilhas para as forças de desembarque.

As forças do general Douglas MacArthur atacaram a Nova Guiné, derrotaram o inimigo e consolidaram suas posições na costa setentrional da ilha, para o assalto contra as ilhas Filipinas.

E enquanto o almirante Chester W. Nimitz, com suas numerosas forças navais e aéreas atacavam as ilhas Bonin, a apenas 600 milhas ao sul do Japão, os superbombardeiros americanos, percorrendo uma distância de ida e volta de mais de 3.000 milhas, iam atacar o próprio solo japonês, bombardeando importantes indústrias bélicas. Outros ataques aéreos desse tipo foram lançados contra as ilhas Kurilas ao nordeste do arquipélago niponês. Por seu turno, os submarinos americanos aumentavam de intensidade a campanha contra as linhas de comunicações e de transportes do inimigo, contribuindo para que as perdas japonesas, no mar, se elevassem ao total de 800 navios, entre unidades de guerra e cargueiros.

Movimento envolvente

Conquanto estivessem a considerável distância de 500 milhas à parte, as forças do general MacArthur e as do almirante Nimitz iniciaram, com perfeita coordenação, o movimento envolvente. A esquadra do almirante William F. Halsey, sob a direção geral do almirante Nimitz, preparou o terreno para o ataque e ocupação da ilha de Mindanáu, no arquipélago das Filipinas. Em três dias de operações preliminares, foram destruídos 173 unidades navais japonesas, de vários tipos, e 500 aviões. Contra a ilha de Paláu, também nas Filipinas, dois milhões de toneladas de navios faziam parte das forças invasoras, no seu avanço para o domínio do grupo central do arquipélago, fechando cada vez mais o cerco do Japão.

Simultaneamente, MacArthur avançou mais 300 milhas, da Nova Guiné, para capturar a ilha de Morotai, no extremo norte do grupo insular das Molucas, a apenas 300 milhas de Mindanáu. Ao contrário do que ocorreu em Paláu, a ocupação de Morotai foi efetuada sem oposição alguma.

Com esses dois movimentos envolventes, as forças dos Estados Unidos abriram caminho para intensos ataques aéreos contra os japoneses, na área de Manila e de outros pontos estratégicos das Filipinas, operações precursoras da captura do arquipélago, situado nas rotas vitais japonesas.

E por aí que trafega a sua marinha mercante transportando para as indústrias do império as matérias primas procedentes de numerosas e ricas regiões de que se apoderaram os japoneses na Ásia e na Oceania. De bases situadas nas Filipinas, as forças americanas dominarão as distâncias com maior eficiência, por isso que o Japão estará a 1.800 milhas apenas. Verão então os japoneses que a situação das ilhas imperiais é, estrategicamente, a mais precária possível. O imperialismo niponês ficará reduzido a situação de um formidável polvo cujos insaciáveis tentáculos tenham sido cortados duma vez.

Aspecto de uma das ilhas Marshall, depois de ocupada pelas forças americanas. A tática seguida na guerra no Pacífico é sempre a mesma: bombardeio naval e aéreo e, depois, o desembarque das tropas de assalto



O NOVO PRESIDENTE DE CUBA

REVESTIU-SE da expressiva significação que caracteriza o conagração das nações americanas a recente visita aos Estados Unidos do presidente eleito de Cuba, Dr. Ramón Grau San Martín. Personalidade de grande realce tanto em sua pátria como nos círculos panamericanos, o Dr. Grau tem se dedicado a uma proveitosa existência de estudo e de serviços assinalados no campo da medicina e da ciência em geral. Cursou o Instituto Provincial de Havana e a universidade da mesma cidade, fazendo depois um longo estágio na França, Itália e Espanha. Foi durante muito tempo regente da cadeira de fisiologia da Escola de Medicina da Universidade de Havana e, em 1933 e 1934, exerceu a presidência da República, indo agora suceder o Presidente Fulgêncio Batista nesse elevado cargo.

Em Washington S. Excia. foi recebido pelo Secretário de Estado Cordell Hull, sendo distinguido com vários banquetes, almoços e recepções que lhe foram oferecidas pelo mundo oficial norte-americano. Dentre os presentes a um dos banquetes destacavam-se o Presidente Roosevelt, o Secretário de Estado Hull, o Sr. Nelson Rockefeller, Coordenador de Assuntos Interamericanos, e o Dr. Aurélio F. Conchescio, Embaixador de Cuba nos Estados Unidos.

O Dr. Grau mostrou-se especialmente interessado no movimento de cooperação econômica internacional, antevendo para sua pátria uma era de frutuoso trabalho, destinado a colocar seu povo em nível de vida digno de seus esforços.



O Dr. Ramón Grau San Martín, presidente-eleito de Cuba, ao deixar a Casa Branca, acompanhado do Dr. Aurélio F. Conchescio, Embaixador cubano nos Estados Unidos, depois de almoçar com o Presidente Roosevelt. Em baixo: O Secretário de Estado Hull recebe o Dr. Grau, em Washington.



Vista da famosa Avenida Afonso Penna, em Belo Horizonte, a cidade mineira aue, como Washington, nos EE.UU., foi construída de acôrdo com um plano

BELO HORIZONTE

HÁ quarenta e sete anos, num dos pitorescos planaltos das alterosas montanhas do sudeste brasileiro, de clima ameníssimo, a quase mil metros acima do nível do mar, foi inaugurada a capital do Estado de Minas Gerais. Produto da imaginação fértil de um povo prático, a cidade — Belo Horizonte — simbolizou a largueza de visão dos semeadores de uma metrópole que, pelo seu cuidadoso traçado, viria a ser, na América do Sul, o que Washington é na América do Norte: uma cidade construída de acôrdo com um plano preestabelecido. A sua primorosa

avenida Afonso Penna, é assim chamada em honra ao saudoso estadista, governador do Estado ao tempo da fundação da cidade e, mais tarde, o sexto presidente da República. Belo Horizonte, cuja população já se acerca de um quarto de milhão de habitantes, é a progressista metrópole notável pelas suas amplas avenidas, seus magníficos edifícios públicos, seus institutos de ensino, diversos templos, aprazíveis vivendas e seu famoso Parque, que possui dos melhores espécimes da flora e da fauna brasileira. Como em Washington, o nome de cada Estado é dado a uma rua.

O SEGURO SOCIAL

NUM humilde lar na cidade de Cleveland realizou-se, recentemente, uma pequena cerimônia que, na realidade, é acontecimento digno de nota no progresso social dos Estados Unidos.

Tratava-se da entrega de um cheque do governo federal a uma senhora, mãe de dois filhos e viúva de um trabalhador da cidade. A significação do fato é que a senhora foi a milionésima pessoa a ser beneficiada com o seguro social estabelecido por lei federal.

Para tornar o caso mais extraordinário, há ainda a circunstância de que a beneficiária, Mary Rex Thompson, de 33 anos, ignorava que tivesse direito a receber o pagamento que lhe foi feito, o qual continuará a receber mensalmente ainda por muitos anos. Seu marido morreu há pouco tempo e conquanto tenha deixado um seguro de vida, o produto não bastava para sustentar a família, composta de uma filha de quatro anos e um filho de um ano.

Ao receber o cheque, a Sra. Thompson, não escondendo sua surpresa, declarou: "Até ter-me sido explicado por meu pai, eu julgava que o seguro social beneficiava exclusivamente os velhos. Estes pagamentos mensais serão agora uma grande ajuda, pois assim poderei eu mesma criar meus filhos. Do contrário teria que procurar trabalho e me faltaria tempo para cuidar deles. Com o produto do seguro que meu marido deixou e a pensão do governo, podemos viver bem.

A pensão do governo é módica, mas tratando-se de uma viúva com dois filhos, representa certo amparo e independência econômica. Segundo a lei, a mãe e os filhos recebem individualmente determinada quantia. Cada filho deixa de receber a sua mensalidade ao completar 18 anos, e quando todos os filhos chegarem a essa idade, cessam também os pagamentos à progenitora, sendo reestabelecidos quando ela completar 65 anos. Com o fim de amparar sua família, o pai contribuiu com certa importância, durante

sete anos e meio, e seu empregador completou o total, por lei dividido em partes iguais. A viúva Thompson recebeu o primeiro cheque das mãos da Sra. Ellen S. Woodward, da comissão de três membros para administrar o vasto programa do seguro social. A Sra. Woodward foi expressamente, de Washington a Cleveland, para entregar pessoalmente o cheque. Referindo-se ao seguro social disse ela:

"O nosso sistema ainda é imperfeito, mas já é um bom começo. Quando se presencia uma cena como esta, é que se verifica o valor do que já temos feito."

O sistema de seguro social introduzido nos Estados Unidos é relativamente recente, pois entrou em vigor em 1935. No continente americano, o Chile foi o primeiro país a adotar legislação nesse sentido. Outras repúblicas americanas também já criaram o seguro, com pequenas variações.

Nos Estados Unidos foi adotado expressamente para evitar a indigência e proteger a família, oferecendo um meio de subsistência que, conquanto seja modesto, a resguarde das vicissitudes da vida, no caso de morte do seu chefe, ou no caso deste atingir a uma idade em que não possa mais trabalhar.

Os benefícios pagos procedem de um fundo especial para o qual contribuem o empregado e o empregador, em partes iguais. A contribuição é equivalente a um por cento do salário, até um limite fixado por lei. O benefício é baseado na média do salário mensal e no tempo do trabalho.

De cada cinco beneficiários, três são mulheres e crianças, sendo de 600.000 pessoas o número dos que estão recebendo os benefícios do seguro. Uns 400.000 são empregados aposentados, de ambos os sexos. Espera-se que o número de beneficiários aumente depois de guerra, por isso que mais de 600.000, homens e mulheres, que já passaram de 65 anos de idade, trabalham atualmente na indústria, para aliviar a falta de mão de obra.



A Sra. Mary Rex Thompson, acompanhada de seus dois filhos, ao receber o milionésimo cheque do governo dos E.E.U.U., das mãos de uma funcionária do Seguro Social

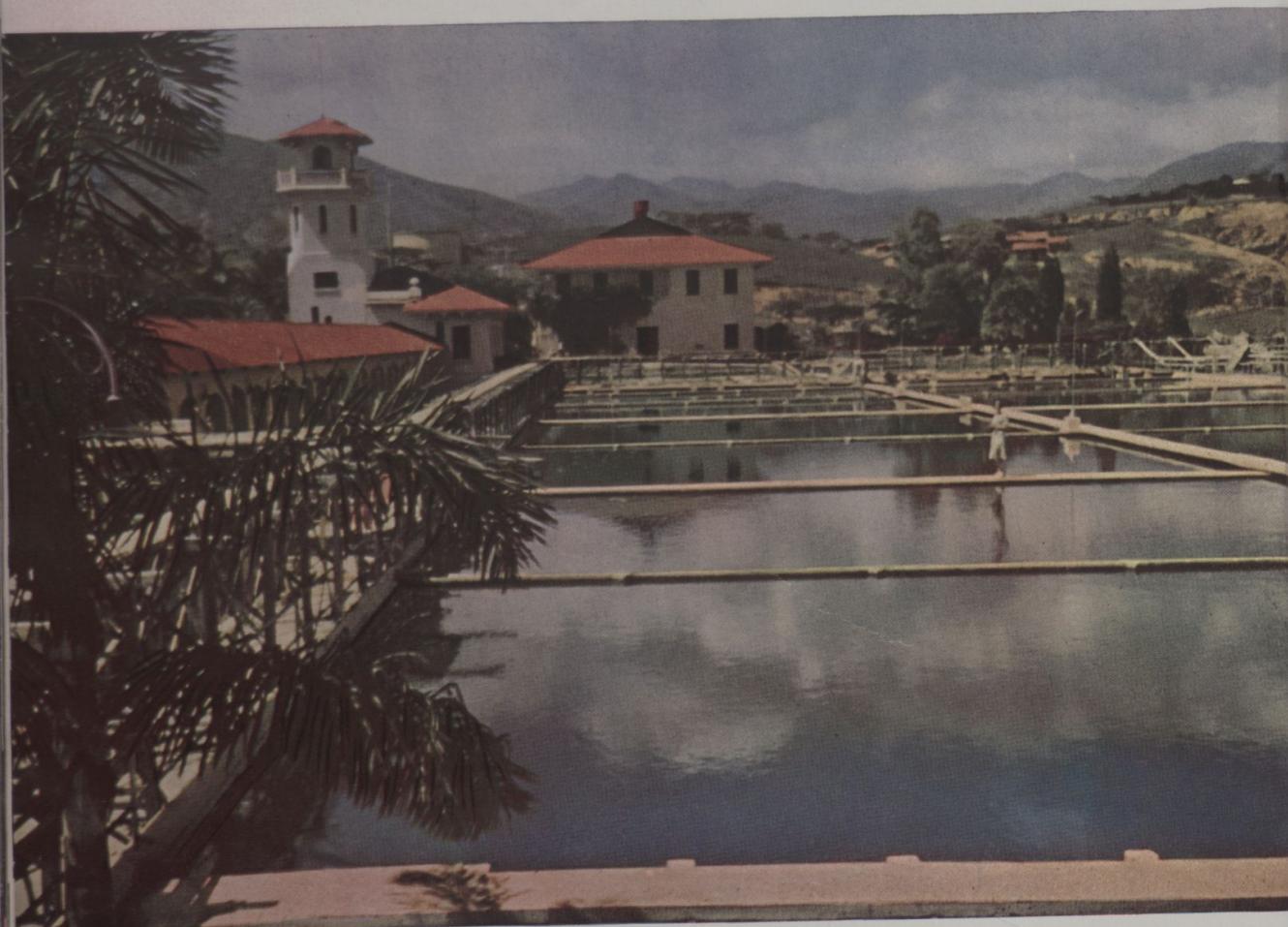


Depois de anos de trabalho, amparados na velhice pelo Seguro Social. Em baixo: Treze membros da família Prehoda, de Pittsburgh, trabalham atualmente na indústria de guerra e todos estão garantidos pelo Seguro, para o qual contribuem empregados e empregadores, em partes iguais



Graças ao Seguro Social a Sra. Thompson, como muitas outras nas mesmas condições, podem ficar em casa com seus filhos, em vez de terem que procurar trabalho para atender às despesas da família. O Seguro Social foi estabelecido, nos Estados Unidos em 1935, e representa uma das maiores conquistas sociais modernas

O RESERVATÓRIO DE CALI



O reservatório d'água da cidade de Cali, na Colômbia. Foi construído de acordo com os métodos mais modernos para a purificação da água, por meio da cloração e filtração

**A CIDADE COLOMBIANA,
MODERNIZANDO SEU SER-
VIÇO DE ÁGUA POTÁVEL,
USA O SISTEMA DE CLORA-
ÇÃO E FILTRAÇÃO PARA
ASSEGURAR A SUA PUREZA**

ZELOSA de manter seu estado sanitário o melhor possível, a histórica cidade de Cali, fundada em 1559, capital do Departamento del Valle, República de Colômbia, esmera-se num dos fatores mais importantes para esse fim: o abastecimento de excelente água potável à sua população. Vemos na ilustração desta página o manancial que supre a cidade do precioso líquido, um moderno reservatório projetado por técnicos americanos e construído por engenheiros colombianos. Pelo seu acabamento recomenda-se como das melhores obras públicas desse gênero no continente. A distribuição da água é feita sob o sistema de cloração e filtração para melhor assegurar a sua pureza, e o reservatório tem uma capacidade suficiente para abastecer diariamente 250 litros d'água *per capita* da população de 110.000 habitantes da cidade. Construído em ponto predominante na encosta da cordilheira andina, na colina de San Antonio, do alto do reservatório descortina-se um dos mais belos panoramas colombianos. Próximo, destaca-se a famosa igreja de San Antonio, primor de arquitetura colonial. Mais abaixo distende-se a cidade, com seu casario multifário, edifícios antigos e modernos, o Teatro Municipal, o afamado Colégio de Santa Librada, as igrejas cujas torres despontam entre a alvura de escolas e de outros prédios, e, a separar a cidade, o rio Cali. Numa das praças está o monumento erigido em honra de Jorge Isaacs, poeta e escritor, autor do imortal romance "Maria". Mais além, lindamente emolduradas por colinas cujos contornos se debatem no horizonte azul, vêm-se as campinas verdejantes, as grandes fazendas de criação de gado, canaviais e minerações de carvão. Cali é um símbolo do passado com os progressos do presente.



No avião que pilotava, o comandante Miller já tinha afundado ou avariado 66 navios japoneses, até ter-se destruído o seu aparelho numa aferrissagem

UM PILOTO COMO POUCOS

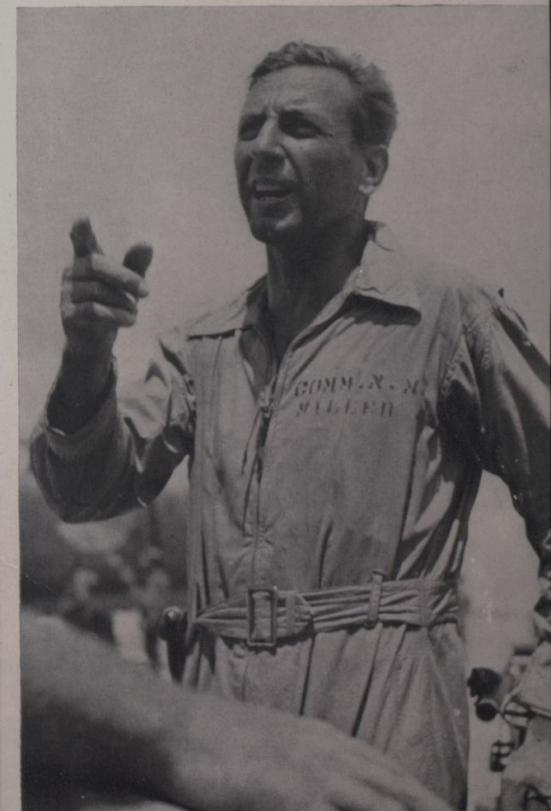
QUANDO aspirante de Marinha, o comandante Norman M. Miller criou fama pela precisão com que cumpria ordens. Agora, como oficial aviador, comandante duma esquadrilha de bombardeiros em ação no Pacífico, decidiu-se a reduzir ao mínimo as probabilidades de errar o alvo. Já afundou e deixou avariados 60 navios inimigos, tendo sido, por isso, distinguido com várias medalhas.

O plano que concebeu era extremamente arriscado. Seu objetivo, porém, era acertar no alvo a todo custo. Depois de muito experimentar, chegou à conclusão de que a melhor maneira de "acertar na certa" seria atacar voando a 60 metros de altitude, a uma velocidade de 325 quilômetros por hora. Expunha-se demasiadamente ao fogo anti-aéreo, mas valia a pena tentar.

A primeira ocasião que teve para pôr em prática a sua idéia contra o inimigo foi quando descobriu um destróier japonês que navegava cuidadosamente oculto entre dois navios cargueiros. O comandante Miller, com sua esquadrilha, lançou o ataque, destemidamente. A reação foi tremenda, tanto do destróier como dos cargueiros, que estavam bem armados. Mas em poucos momentos, destróier e cargueiros foram ao fundo. Os aviões saíram ilesos.

O comandante Miller é o detentor do recorde individual de perdas e avarias infligidas a unidades navais e mercantes e a pontos estratégicos dos japoneses na vasta área do Pacífico. E a sua técnica de voo, pelos constantes resultados obtidos, já forma escola.

O comandante Norman M. Miller (à direita) bateu o recorde de perdas e avarias infligidas à frota mercante e a pontos estratégicos dos japoneses. Em baixo: Fazendo um voo rasante num bombardeiro Liberator, Miller se aproxima para um ataque contra o aeródromo da ilha de Tinian. Sua esquadrilha se especializa em assaltos feitos a uma altitude de 60 metros, no mar ou em terra



ANJO DOS INCAPACITADOS

E UM dia de visita. Na ampla enfermaria do hospital militar, uma mulher, de fisionomia serena e cabelos grisalhos, aproxima-se vagarosamente de cada leito. É cega, mas seus lábios se movem com animação ao pronunciar palavras de alento para os soldados feridos. Dentre estes, há alguns completamente cegos; outros perderam um braço ou uma perna. Para todos ela é inequívoca demonstração de grande força de vontade, animando-os a sentir que ainda poderão voltar a ser de utilidade no mundo.

A visitante é Helen Keller, mulher extraordinária, cuja vida tem sido consagrada a provar, com o seu próprio exemplo, que os cegos e os incapacitados por outros defeitos físicos não têm por que viver no isolamento nem levar uma existência infeliz. Com a guerra, ainda mais se realça a sua obra de animar a tantos jovens que ficaram incapacitados nos campos de batalha. Por isso, apesar de seus 64 anos, Helen Keller continua tão ativa como sempre na sua grande missão.

Ao visitar, recentemente, um grupo de veteranos incapacitados, lembrou-lhes com vivo interesse: "Não julguem ser impossível vencer as dificuldades para retornar à vida normal. Lembrem-se que a força de vontade faz milagres."

Um grande símbolo

A sua própria vida é um símbolo dessa determinação. Aos dois anos de idade, uma grave enfermidade a deixou não somente cega, mas surda e muda. Depois de longos e árduos esforços conseguiu recuperar o uso da palavra, e hoje se expressa com perfeita clareza; mas a vista e a audição, ela as perdeu para sempre. Para compreender o que lhe dizem tem sempre uma companheira que, pelo tato, lhe serve de intérprete.

Durante muitos anos viveu, segundo ela mesma diz, num mundo nebuloso e incerto, no qual só podia sentir a fragrância das flores do seu jardim, e não tinha outro consolo senão o afeto de seus pais. Sua professora, Anne Sullivan, foi quem a libertou da inércia mental em que estava condenada a viver, guiando-a em escolas e estudos especiais, encaminhando-a, enfim, na existência útil a que se tem dedicado, para si e para os outros. É ainda como uma das belas reminiscências de sua vida que celebra o seu "renascimento espiritual", o dia em que travou

conhecimento com a professora. Foi esta quem, tomando-lhe pela mão, começou a "revelar-lhe o mundo que a cercava."

Ao tempo da adolescência de Helen Keller, a vida pouco prometia a um cego e surdo-mudo. Até mesmo seus parentes mais afeiçoados não alimentavam esperança de lhe tornar a vida menos penosa. Helen, entretanto, estava determinada a combater tal impressão e a fazer tudo para melhorar a existência dos aflitos por essa desgraça. Guiada pela sua própria experiência dedicou-se a escrever sobre o assunto, colaborando constantemente em jornais e revistas em prol de medidas que viessem melhorar a sorte dos cegos, proporcionando-lhes o ensejo de estudar e trabalhar.

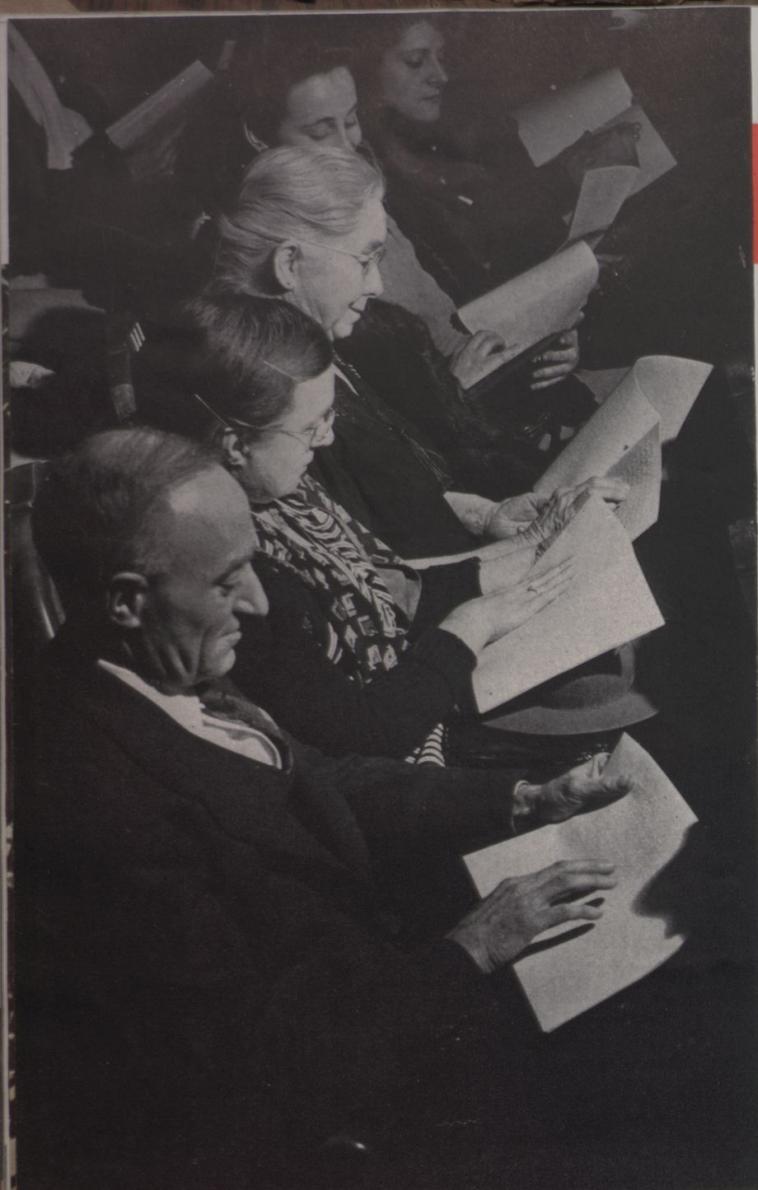
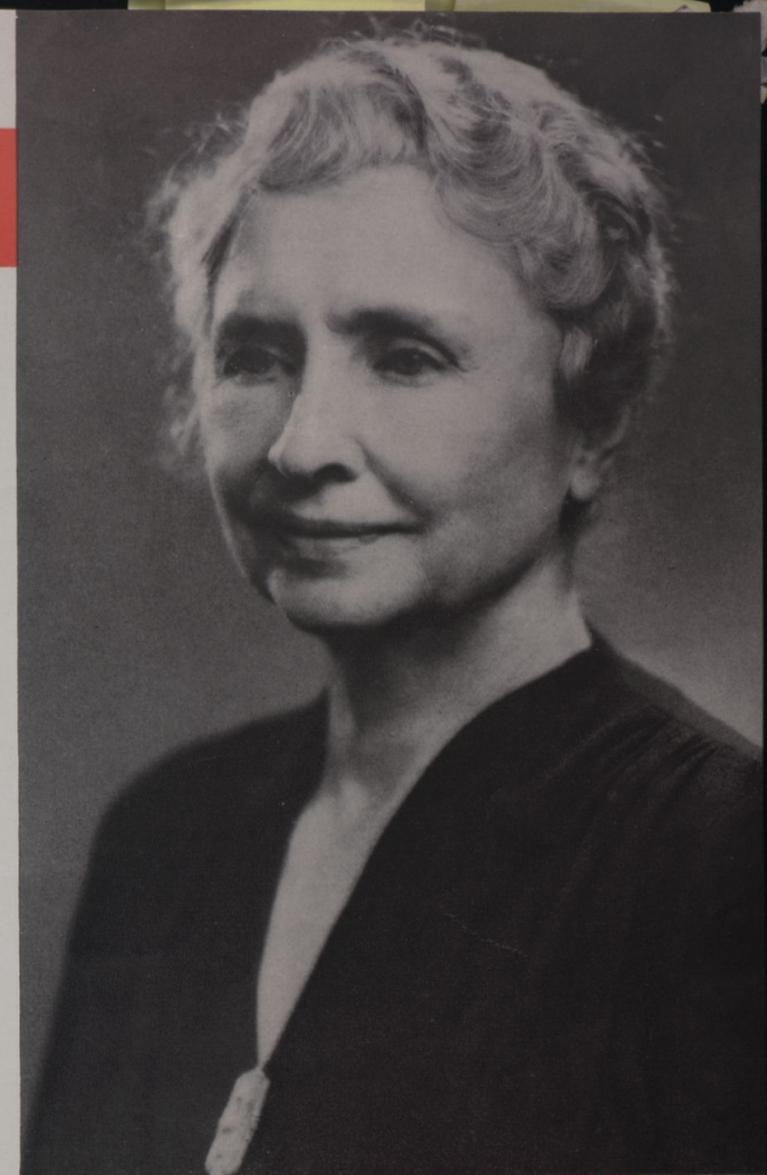
Quando a Fundação Americana para os Cegos estava em vias de organização, Helen Keller aliou-se imediatamente aos seus fundadores, tomando parte ativa na campanha para a obtenção de fundos. Fez conferências em todos os Estados Unidos, no Canadá, na Europa e na Ásia, disseminando fervorosamente a sua fé nas capacidades dos cegos. E agora, como consultora da Fundação, tem animado com todo sucesso o aproveitamento de operários cegos nas indústrias bélicas. Existem cem ocupações, classificadas pela Fundação, nas quais os cegos têm demonstrado perfeita adaptabilidade ao trabalho.

A reabilitação

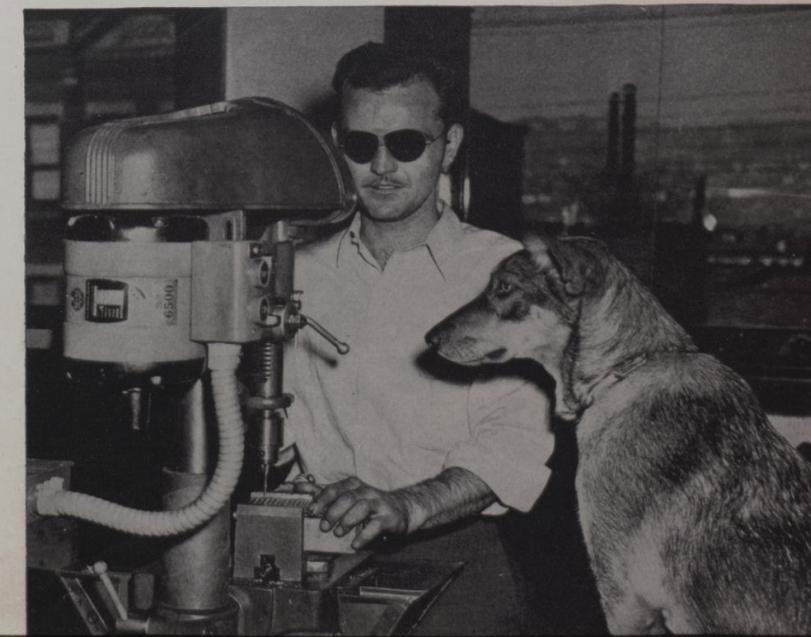
Graças principalmente aos esforços da Fundação, mais de mil cegos, homens e mulheres, estão trabalhando agora nas fábricas de armamentos, nas fábricas de aeroplanos, e até nos estaleiros de construção naval. São todos servidos por excelentes guias, cães especialmente treinados para esse fim. No exame e verificação de certas peças, antes das montagem de motores e outros maquinismos, os cegos têm se revelado de extraordinária exatidão nos encargos que lhe são confiados.

O treinamento de cães para servir de guias aos cegos, nos Estados Unidos, intensificou-se extraordinariamente, atingindo agora a sua perfeição. É por meio desses cães que grande maioria de cegos está solvendo a dificuldade de locomoção nas grandes cidades. Acompanhados de seus inteligentes guias, operários cegos dirigem-se, com toda segurança, aos seus postos de trabalho. Esse prático recurso inspira maior confiança.

(Continúa)



Graças aos incessantes esforços de Helen Keller a bem dos que estão privados da vista, estes cegos assistem uma representação teatral e acompanham o cântico e diálogo, impresso em Braille



Helen Keller, que, não obstante ter ficado cega e surda aos dois anos, conseguiu vencer esses obstáculos. Sua perseverança tem sido um exemplo e uma inspiração para numerosos veteranos cegos

Um cego que se ofereceu para trabalhar numa fábrica de armamentos aprende o manejo de máquinas, na escola preparatória, acompanhada do seu fiel guia, especialmente treinado para esse fim.

Os cegos de várias nações da América fazem cursos especiais em institutos americanos para a educação dos cegos, com o fim de regressarem aos seus países e ajudarem seus companheiros de infância

ça a quantos estão desejosos de cooperar com os cegos. Helen Keller, há pouco tempo, mais uma vez, demonstrou seu interesse no sentido de melhorar o mais possível as condições dos cegos. Percorreu vários Estados da União, para interceder junto aos respectivos legisladores afim de serem votadas verbas maiores especialmente destinadas ao ensino profissional dos cegos. Através de seus esforços o governo federal garantiu o consumo de vários artigos fabricados por eles. Há atualmente mais de cinquenta oficinas onde trabalham quase três mil cegos, na fabricação de vassouras, roupas, travesseiros e vários outros artigos destinados às forças armadas. Três fábricas dessa categoria já foram premiadas pelo governo, em reconhecimento do seu excelente trabalho.

Um melhor futuro

A educação do público americano com relação ao aproveitamento do trabalho dos cegos tem correspondido a todas as expectativas. Como exemplo digno de nota vale citar o caso as bancas de jornais, as quais estão, em grande número, a cargo de vendedores cegos. O troco é feito por eles rapidamente, pelo simples tato, e o serviço, mesmo nas horas de maior afluência, não sofre o menor retardamento.

Para depois da guerra, a Fundação espera prosseguir com seus planos de incentivar invenções que venham beneficiar os 200.000 cegos existentes nos Estados Unidos. Segundo Helen Keller, tais invenções "têm surgido lentamente, mas têm surgido." Alude, por exemplo, a uma peça especial adaptável às máquinas de costura, para proteger as mãos do trabalhador cego; os grandes melhoramentos introduzidos no sistema Braille, a gravação fonográfica de milhares de livros postos à disposição dos cegos em numerosas bibliotecas, e o aperfeiçoamento de vários aparelhos baseados no "ôlho elétrico." Mas o grande interesse de Helen Keller atualmente se concentra principalmente na sorte dos feridos da guerra. Convidada para visitar os veteranos, ela e sua constante companheira, Miss Polly Thomson, já estiveram em seis grandes hospitais. Sua presença é acolhida com especial carinho, por isso que entre os feridos, as palavras confortadoras de Helen Keller lhes infunde novas esperanças, quando eles mais necessitam de ânimo forte para encarar a extrema realidade da situação que ora defrontam.

Nada há, atualmente, que mais interesse Helen Keller que a sorte dos feridos de guerra. Incapacitada de ouvir, conversa, através do tato labial, com um soldado cego, durante sua visita a um hospital



MENSAGEM À AMÉRICA LATINA

Éis a mensagem que Helen Keller envia, por intermédio de EM GUARDA, aos seus companheiros de infortúnio:

"Aos meus queridos amigos do sul, que habitam como eu, o mundo das trevas:

Desde que conheci dos vossos problemas senti um afetuoso interesse pelo vosso bem-estar. Quando puder realizar meu antigo desejo de fazer-vos uma visita, o que espero seja logo que terminar a guerra, lograrei estabelecer o contato direto que me permitirá falar-vos de todo o meu afeto.

Nós, que nos encontramos privados da vista, bem sabemos que a perseverança e o esforço constante para nos valermos do máximo de nossas capacidades, são mais poderosos que qualquer outra força. E como têm sido prodigiosas as transformações alcançadas na nossa condição de seres humanos!

Há 41 anos, quando iniciei meus esforços em prol dos cegos de minha pátria, parecia que o destino os havia condenado a uma existência alheia às atividades humanas, mesmo a despeito de todos os seus ingentes esforços. Preparavam-se unicamente para desempenhar certos ofícios e determinadas ocupações, e só se os animava quando seu espírito combatia em face de incontáveis restrições e dificuldades. Isso não era reabilitação, mas apenas caridade.

Desde então verificou-se uma transformação extraordinária. Nos Estados Unidos, assim como na Inglaterra e na Rússia, os cegos, com a ajuda de seus companheiros de trabalho, de vista normal, estão buscando os meios de resolver seus problemas, de uma maneira construtiva. Com grande firmeza de propósito e persistência estão ingressando nos institutos de ensino superior e nas indústrias. Sua utilidade se reconhece hoje em todos os campos de atividade, pública e particular.

Não há dúvida que está se desenvolvendo agora uma nova filosofia sobre a conquista dos cegos; uma filosofia que afasta completamente a idéia de considerá-los condenados à inutilidade; antes, que sob direção apropriada, podem ocupar um lugar digno na sociedade, mantendo-se economicamente independentes, conforme já se tem verificado. Quaisquer que sejam as circunstâncias que vos cercam e as condições existentes em vossos países, podeis também criar a Luz da Perseverança e erguer-vos das profundidades do desengano às culmiadas do saber e do sucesso.

Vossa, carinhosamente,

HELEN KELLER"

Agradecendo-lhe a recente visita ao hospital a seu cargo, um diretor assim se expressou, em carta dirigida a Helen Keller: "Não exagerei se lhe disser que, durante uma inspeção às enfermarias, fui detido vezes sem conta pelos internados, pelo pessoal médico, pelas enfermeiras e demais empregados, para me dizerem daquilo que tive eu mesmo a ventura de verificar: o fato de ter sido a sua visita ao nosso hospital de um efeito incomparável em fortalecer o ânimo dos feridos da guerra. O período que ora atravessam esses heróicos combatentes, alguns privados para sempre da faculdade de ver, quando já haviam visto e admirado tudo quanto de belo existe no mundo, é um período verdadeiramente crítico. É o período da tremenda transição do tudo para o nada: da luz para a treva. Sua visita trouxe para esses desventurados o raio de luz que os há-de guiar em novas rotas através da vida perturbada por um sacrifício à causa da pátria. Suas palavras de animação e conforto transcendem a tudo que nós outros pudessemos dizer. Falam através da sua própria experiência, dizem de uma luta em que não houve óbices capazes de estancar a vitória, a conquista do espírito sobre os obstáculos materiais."

Um de seus maiores desejos é visitar as nações da América, e tomar parte ativa no trabalho de reabilitação dos cegos, já notável em várias grandes cidades latino-americanas. Acompanhando o movimento que se tem operado nesse sentido, ela não cessa de lembrar os grandes benefícios que estão advindo dos trabalhos de organizações oficiais como o Instituto Benjamin Constant, do Rio de Janeiro e outros congêneres nas repúblicas do Sul. São, na sua opinião, os valiosos grandes centros experimentais na humanitária obra de reabilitação dos cegos.

HERÓIS DA RETAGUARDA



O General de Brigada G. X. Cheves cumprimenta quatro dos heróis que acabam de se restabelecer de um ataque experimental da febre. Em baixo: Um técnico de laboratório examina alguns dos mosquitos transmissores, usados durante as experiências. Seu "habitat" é na área do Mediterrâneo, na África e na Sicília



Agora já se pode inocular os soldados contra a febre. Em baixo: Soldados norte-americanos submetendo-se ao exame de sangue, antes da inoculação



A SEGUNDA guerra mundial tem produzido inúmeros heróis: homens que lutam valorosamente contra obstáculos tremendos; que enfrentam, imperturbáveis, a própria morte, para proteger a vida de seus companheiros; homens que não conhecem perigos quando se trata de derrotar o inimigo. E' assim que eles ajudam, heroicamente, a forjar a vitória. Mas, frequentemente, longe dos campos de batalha, há outros heróis que também lutam anonimamente para vencer um inimigo comum — o inseto traçoeiro, que, em várias formas tem atacado as tropas em verdadeiras hordas, causando, em numerosas ocasiões, mais baixas do que as armas de fogo.

Um exemplo dessa extraordinária abnegação regitou-se na campanha no norte da África. Os médicos militares aliados notaram que os soldados americanos, ingleses e australianos caíam vítimas, em grande número, de um inimigo do qual ninguém suspeitava: o mosquito dos arcaís, cuja picada, apesar de ser raramente fatal, causa febre alta, acompanhada de intensa dor de cabeça, dor nos olhos e nas costas. Os soldados atacados da doença ficavam prostrados durante quase quinze dias, quando mais havia necessidade de prosseguir com as operações militares, e quando as grandes distâncias a vencer, no transporte de tropas, retardavam a renovação dos efetivos no teatro africano da guerra.

Uma comissão de médicos militares americanos dedicou-se exclusivamente a dar combate ao terrível inimigo. Os médicos puderam verificar que os efeitos da picada do mosquito só se faziam sentir no homem. E assim, para preparar preventivos era necessário fazer experiências em seres humanos.

A uma requisição feita, pedindo voluntários, ofereceram-se quatorze soldados, com pleno conhecimento das consequências a que se expunham pela sua abnegação: a dolorosa picada, a febre alta, as dores agudas e a lenta convalescência, acompanhada de vertigens e tremenda depressão física. Não obstante, nas diversas fases das experiências, os voluntários portaram-se heroicamente. Alguns contraíram a doença por meio de injeções de sangue de companheiros afetados do mal, outros se deixaram picar deliberadamente pelos mosquitos.

Através das experiências verificou-se que a moléstia não é contagiosa. Propaga-se unicamente pelo mosquito que houver picado alguém atacado da febre. A fêmea do inseto é a propagadora, semeando a infecção desde o anoitecer até ao amanhecer. A picada, apesar de ser aguda e dolorosa, tem efeitos que, em geral, não são imediatos, surgindo, em média, quinze dias depois.

Estudos detalhados demonstram que o vírus causador da "febre do Egito" é idêntico ao que atacou numerosos combatentes durante a travessia do Mediterrâneo, com rumo à Sicília, dando caça aos alemães. O vírus ativo siciliano foi injetado em vários voluntários, na África, depois de restabelecidos da febre africana. Mais tarde, foi-lhes injetado o vírus do Egito, mas desta vez não sofreram consequência alguma, verificando-se assim que o vírus siciliano podia imunizá-los contra o transmissor egípcio.

★ Chautauqua ★ ★ ★

UMA GRANDE E ORIGINAL INSTITUIÇÃO DE ENSINO LIVRE, FUNDADA HÁ SETENTA ANOS, CUJOS FAMOSOS CURSOS SÃO PROCURADOS POR MAIS DE 150.000 PESSOAS



NAS margens do lago Chautauqua, na parte ocidental do Estado de Nova York, existe uma instituição única, da qual disse uma vez o Presidente Theodore Roosevelt ser "a mais americana dos Estados Unidos."

A Instituição Chautauqua, conforme se denomina a organização, foi fundada há 70 anos e tem exercido manifesta influência no desenvolvimento educacional da nação. Cerca de 150.000 pessoas, procedentes de todos os pontos do país e de outras repúblicas americanas, passam o verão nesse formoso lugar, que compreende uma área de 170 hectares de terras, conjunto de bosques e vivendas, formando um dos sítios mais aprazíveis da região. Há famílias que durante anos seguidos vão a Chautauqua e, dentre os mais assíduos, há descendentes dos primeiros visitantes da instituição.

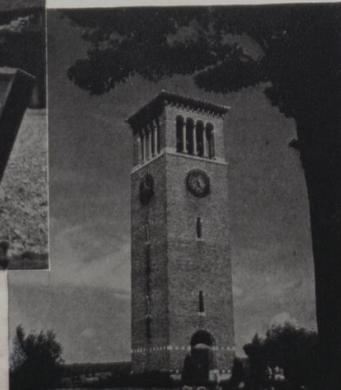
A razão dessa notável atração e interesse talvez se encontre no pitoresco ambiente e na atmosfera que ali reina tão cerca da própria natureza. Há, entretanto, outras razões de ordem espiritual que justificam a afluência de estudiosos a essas tranquilas paragens. São os bem elaborados programas musicais, as conferências,

Aos salões de conferências de Chautauqua têm comparecido personalidades de destaque, dentre as quais todos os presidentes dos Estados Unidos, desde Grant até Franklin D. Roosevelt



No tranquilo e pitoresco ambiente de Chautauqua muitos pintores têm se inspirado para produzir trabalhos de grande mérito artístico. Vemos na gravura uma das alunas de pintura

O campanário de Chautauqua tem marcada semelhança com o de Florença, berço dos imortais Giotto e Dante, cujas artes são intensamente cultivadas nos cursos de Chautauqua



Para os jovens visitantes de Chautauqua, a natação é um dos desportos mais preferidos



Atores profissionais ensaiando um novo drama para ser levado à cena no teatro da instituição



Nas classes de artes e ofícios há sempre teares à disposição das senhoras aficionadas da tecelagem

os cursos pedagógicos e os serviços religiosos. Seja qual for o motivo, é geralmente reconhecido que a Instituição Chautauqua iniciou certas reformas pedagógicas de grande transcendência. Chautauqua, por exemplo, foi a primeira a organizar, nos Estados Unidos, os proveitosos cursos de verão, assim como os cursos por correspondência e o plano de estudos livres.

Fomento cultural

John Heyl Vincent fundou a instituição, em 1874, com o fim de estimular o ensino religioso. Viu assim a realização de seus sonhos de muitos anos: o estabelecimento de uma espécie de instituição nacional de instrução religiosa. Depois de muito procurar um local apropriado, as margens do pitoresco lago Chautauqua lhe pareceram ser o ideal. Sua obra educacional foi se estendendo gradativamente e, em 1900, a fama da instituição se alastrava pela nação inteira. Nessa época já havia um programa de 200 cursos distintos. Pouco depois foram inaugurados as classes de música e de artes, que alcançaram, desde logo, grande sucesso, contribuindo para popularizar a sua cultura e apreciação.

Todos quantos iam a Chautauqua regressavam a suas respectivas comunidades entusiasmados com o que tinham visto e ouvido. Essa generalizada apreciação teve como consequência a fundação de 300 instituições similares pelo país, com o mesmo programa de fomento cultural em que se baseava a instituição original. Surgiram depois as instituições itinerantes, compostas de grupos de conferencistas e de músicos, que visitavam as localidades menores. Instalavam-se geralmente em grandes barracas de campanha e realizavam concertos, interpretavam obras dramáticas e faziam conferências, estas sempre a cargo de autoridades nos respectivos temas, cuidadosamente escolhidos.

Apesar de tanta emulação, a Instituição Chautauqua, a original, continuava crescendo e atraiendo uma concorrência cada vez maior, todos os anos. Fiel às idéias do seu fundador, continuava a guiar-se pelo princípio de que, para lograr a mais ampla instrução religiosa faz-se necessário utilizar os melhores elementos metodológicos do campo da literatura, das artes e das ciências. Afim de ampliar sua obra segundo essa norma, a instituição iniciou novo sistema de estudos,

assim como de leituras escolhidas ao alcance de todos, no próprio lar, em vez de limitar essa cultura aos meses de verão unicamente. A demanda desses cursos aumentou tanto dentro de poucos anos que foi necessário obter os serviços de mais de 200 professores procedentes dos principais colégios e escolas normais do país.

Cursos universais

O plano de cursos por correspondência formulado pela instituição foi patrocinado pelo Circulo Científico e Literário da mesma localidade, e adotado por outros grupos de caráter cívico e cultural, que disseminaram grande variedade de cursos pelo mundo inteiro. Não obstante, a instrução oferecida pela Chautauqua requeria quatro anos de estudos e tinha sido organizada de maneira a proporcionar o que Vincent chamava "um verniz universitário", por isso que compreendia elementos de literatura, de ciências e de religião.

Em Chautauqua celebram-se atualmente ritos de quatorze religiões e seitas, nos quais participam músicos notáveis e conjuntos corais de reconhecida fama de todos os Estados da União.

Depois de um ano de constante estudo, um jovem virtuose vem demonstrar seu progresso ao professor



Enquanto seus pais assistem a uma das aulas, essa menina se distrae no jardim de infância local



Dos programas culturais de rádio sempre participam personalidades de destaque



ROTAS AÉREAS DO FUTURO

AS GRANDES CONTRIBUIÇÕES FEITAS PELA AVIAÇÃO DE GUERRA

NESTA época de guerra, o céu constitui o laboratório de aeronáutica mais completo, do qual têm saído numerosos aperfeiçoamentos a abrir perspectivas até agora nunca sonhadas para a aviação comercial.

As lições ora amargas, ora trágicas da guerra surtem seu efeito nos planos e nos gráficos que os engenheiros aeronáuticos traçam onde quer que o homem lute contra as complexidades dessa ciência. Sob a urgência das exigências militares cada vez mais prementes, os homens de ciência têm aplicado à aviação inúmeros aperfeiçoamentos que, doutra maneira, levariam muitos anos para serem descobertos e mais ainda para serem postos em prática. Mas nesta época, comprovados já no ardor dos combates, serão coisa comum em dias mais venturosos, quando imperar a paz, proporcionando ao passageiro velocidades inauditas e maior segurança e conforto.

Maiores altitudes

Graças aos vôos a grandes altitudes requeridos pela técnica do bombardeio de precisão desenvolvida pelas forças aéreas do Exército dos Estados Unidos, foram conseguidos os aperfeiçoamentos mais importantes. Antes da guerra, os vôos se faziam a alturas médias para evitar perigos. Hoje, se efetuam na subestratosfera.

Essa zona se acha livre das violentas mudanças atmosféricas que tanto afetam a terra. Nela se alcançam velocidades impossíveis de conseguir a níveis inferiores, onde a atmosfera é mais densa e as tempestades e os ventos retardam o vôo. Apesar da grande altitude, os viajantes não experimentarão nenhuma sensação desagradável na nave hermeticamente cerrada, na qual se conserva a pressão constante das zonas mais cêrca da terra. Dotados de "superchargers" especiais, os motores funcionam a essa altitude com tanta eficiência como nas altitudes menos elevadas. E os enormes aviões do futuro, de grande raio de ação, colocarão os países da América a apenas horas de distância entre si, em vez de dias e até semanas, como atualmente.

Na América do Sul, onde é frequentemente necessário voar a grande altitude, para evitar as cordilheiras, os passageiros gozarão de uma comodidade sem igual. Nas cidades situadas a altitudes mais elevadas, a pressão interior do avião poderá ajustar-se às condições locais, de modo que ao voar a grande altitude, possa passar sem perigos acima das montanhas, sem desconforto de espécie alguma para os passageiros.

Para o caso em que algum dos passageiros aéreos de amanhã recie o escapamento na nave hermética, os aperfeiçoamentos alcançados durante a guerra previnem tal contingência. Já há os materiais especiais empregados para fazer a contração instantânea das perfurações causadas por projéteis nas paredes dos bombardeiros providos de ar acondicionado.

As câmaras frigoríficas e os túneis onde se fazem experiências com furacões artificiais desempenham papel de grande impor-

tância no aperfeiçoamento dos aviões de todos os tipos, inclusive os destinados a vôos a grandes altitudes. Nos túneis são reproduzidas exatamente as condições atmosféricas predominantes a 15.000 metros e mais acima do nível do mar, produzindo-se furacões cuja velocidade atinge de 800 a mil quilômetros por hora. Nessas câmaras e túneis são postos à prova os materiais, as peças, as seções grandes e até pequenos aviões completos.

Na câmara do campo Wright, centro de experimentações da Aviação Militar e dos laboratórios de aeromedicina, produzem-se granizo, chuva, neve, tempestades de aréa, umidade dos trópicos e temperaturas que variam desde 50 graus abaixo de zero até 66 graus acima.

As experiências realizadas por quasi todos os fabricantes de aeroplanos, em suas câmaras frigoríficas, contribuem grandemente para a eficiência e segurança oferecidas pelos aviões de guerra, e todos os melhoramentos assim obtidos serão naturalmente aplicados aos futuros aviões comerciais, depois da paz.

Podem citar-se o caso de uma torre de cauda de um avião, colocada na câmara experimental para gelá-la completamente, a fim de reproduzir temperaturas extremas e observar, em suas diferentes peças, o efeito dos vôos realizados a grandes altitudes. A torre foi depois degelada em diferentes condições de temperatura para indicar aos engenheiros as alterações necessárias, que mais convinhem à proteção dos tripulantes. Nas câmaras colocam-se também instrumentos

O equipamento o os modelos de aviões são submetidos a rigoroso "test", sob todas as condições atmosféricas



aeronáuticos de toda sorte para examiná-los a temperaturas idênticas às que prevalecem em elevadas altitudes, observando-se cuidadosamente o seu funcionamento durante o vôo em tais condições. Vestidos de fantástica indumentária, os técnicos, encerrados nas câmaras, fazem experiências e observam metulosamente os efeitos causados nos instrumentos por diferentes temperaturas.

A expansão dos metais

Fez-se recentemente, na câmara frigorífica, uma prova de grande importância, com os arrebites. Estes, quando se colocam, estão em temperatura quasi igual a do gelo. No ambiente normal se expandem, formando então parte integrante da cobertura do avião. Não obstante, nas grandes altitudes, devido à temperatura extraordinariamente baixa, os arrebites se contraem, tendendo a sair. Agora, depois das experiências realizadas nas câmaras a diversas temperaturas, esse inconveniente foi completamente eliminado. As provas com aviões de todos os tipos feitas nos túneis, têm contribuído enormemente para o desenvolvimento da aeronáutica. No campo Moffet, na Califórnia, foi construído um túnel destinado especialmente a aviões completos, de envergadura de até 25 metros, e de modelos pequenos, cujas dimensões são das maiores atualmente. Nesse túnel os aparelhos são submetidos a todas as provas, de acordo com as diversas condições de vôo. Com a margem de erro reduzida praticamente a zero, os engenheiros estão capacitados para corrigir defeitos e introduzir melhoramentos de extraordinário valor.

Os aviões de passageiros do futuro serão dotados de instalações verdadeiramente luxuosas, e o custo das passagens será muito mais barato. Essa é uma outra vantagem que se deve à guerra e aos melhoramentos introduzidos nos serviços de transporte aéreo do Exército e da Marinha, cujos aviões transportam atualmente cargas que pareciam antes ser uma impossibilidade. Nos aviões de amanhã haverá muito mais espaço para acomodações e para refeições preparadas a bordo. Assim a viagem aproveitará o mais possível o tempo de vôo.

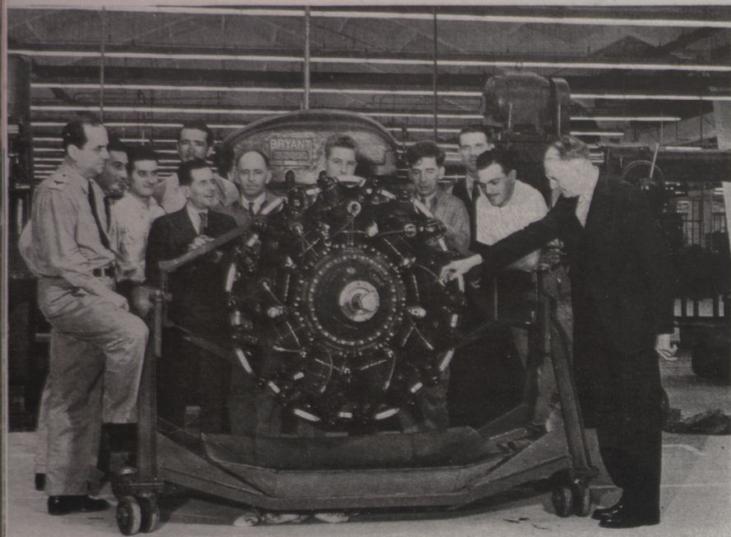
Por sua vez, a experiência adquirida na construção de aeroportos militares fará sentir seus benefícios na aviação civil. Os utilíssimos instrumentos de navegação de que hoje dispõem e a aplicação do rádio e dos radiodetetores, oferecerão aos viajantes do ar a máxima segurança. Nas rotas aéreas futuras haverá sinais equivalentes aos que ora se usam nas vias-férreas, e os aviões serão dotados de aparelhos correspondentes.

O piloto automático será coisa antiquada em comparação com o moderno piloto radioeletrônico. A urgência inerente à guerra transformou os métodos de carga e de descarga. Os artigos de fácil decomposição, frutas e legumes, por exemplo, serão despachados dos outros países do continente por via aérea, abastecendo rapidamente um dos grandes mercados — os Estados Unidos.

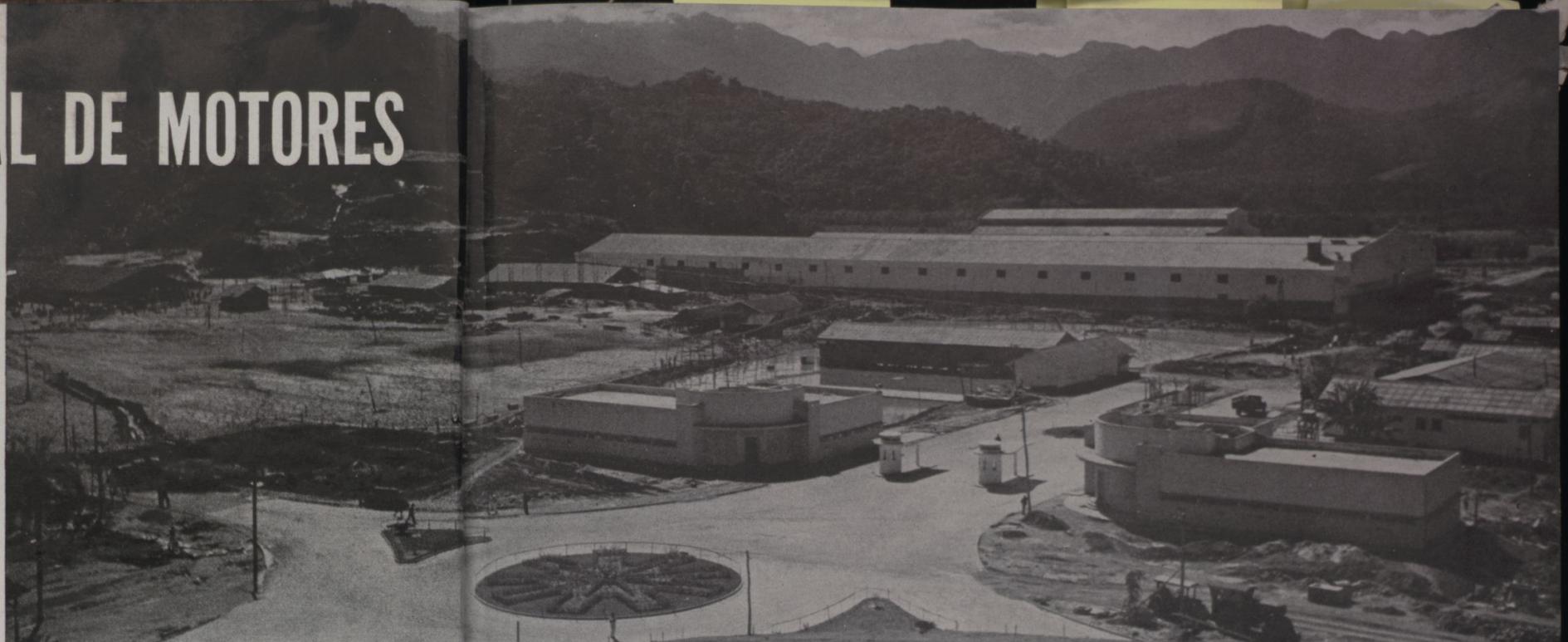


Técnicos especialistas, vestidos fantásticamente, entregam-se a importantes pesquisas, pondo à prova os materiais de aviões, dentro duma câmara onde a temperatura chega a 37,8 graus abaixo de zero. Essa é a temperatura nos vôos a grandes altitudes, um dos problemas a serem solvidos para o desenvolvimento futuro da aviação

A FÁBRICA NACIONAL DE MOTORES



Engenheiros brasileiros e norte-americanos examinando um motor Wright-Whirlwind, enviado pela Wright Aeronautical Corporation para ajudar o treinamento de mecânicos. Em baixo: Arrazando a jato d'água as colinas no local onde está agora a Fábrica Nacional de Motores, cujo pavilhão principal mede mais de 200 metros de comprimento



HÁ dois anos era um pântano, infestado de mosquito e malária; hoje é uma área modelo de urbanismo, cujo traçado não tem par no mundo, e onde se ergue a moderna fábrica de motores de aviação do Brasil. Num esforço que honra a iniciativa dos brasileiros, os mil alqueires de terra do quilômetro 37 da estrada Rio-Petrópolis transformaram-se como por encanto nesse centro industrial que é uma das conquistas da técnica de reunir num ponto o máximo de forças produtivas.

Instalada sob os moldes mais modernos, a fábrica de motores reúne todos os requisitos para certa produção imediata e para a expansão que far-se-á gradativamente necessária. É a um tempo centro de produção industrial e núcleo de formação de técnicos especializados. Está organizada em duas grandes divisões, uma para a construção de motores de aviões, outra para a construção de tratores e de tanks. Dispõe da sua própria fundição de alumínio e de bronze e de uma oficina de máquinas equipada com as mais modernas máquinas ferramentas.

Numa das grandes secções, de 70 metros de largura por 200 de comprimento, dotada de ar condicionado que permite manter a temperatura constante de 25 graus Centígrados e um grau de humidade invariável, estão instaladas 450 máquinas de maneira a dar o máximo rendimento de produção. Um sistema de controle por meio de cartões estipula e verifica o tempo de usinagem de cada operação para cada peça. O tipo de motor atualmente em construção, por exemplo, exige 35.000 diferentes operações.

Na secção de tratamento térmico e galvanoplastia são enriquecidas as propriedades físicas das peças, as quais, apesar de suas pequenas dimensões, adquirem assim maior resistência aos grandes esforços a que serão submetidas. Depois de terminadas as peças e de ser montado o motor, este é experimentado no banco de prova nas mesmas condições sob as quais funcionará quando em vôo.

A produção anual é superior a 500 motores Wright Whirlwind, de 450 cavalos. Breve far-se-á também a fabricação de 400 motores Ranger, e, mais tarde, a de motores Wright de 1.200 cavalos.

As atividades desse grande centro industrial terão decisivo reflexo no desenvolvimento da indústria em geral no Brasil. A

O Brigadeiro do Ar Antonio Guedes Moniz, diretor da fábrica. Graças aos seus incansáveis esforços o Brasil, através da Fábrica Nacional de Motores, entra em proveitosa era de desenvolvimento técnico aplicado a numerosas outras atividades

fábrica de motores de avião dará à aeronáutica brasileira o ansiado impulso para encurtar distâncias, facilitar os transportes e manter em íntimo e constante contato todos os quadrantes do país. Os tratores, como maquinismos indispensáveis na lavoura e nas obras de construção de novas e modernas vias de comunicação terrestre, facilitarão os trabalhos de extração e aproveitamento das riquezas do solo, assegurando o desenvolvimento econômico e valorizando todos os esforços.

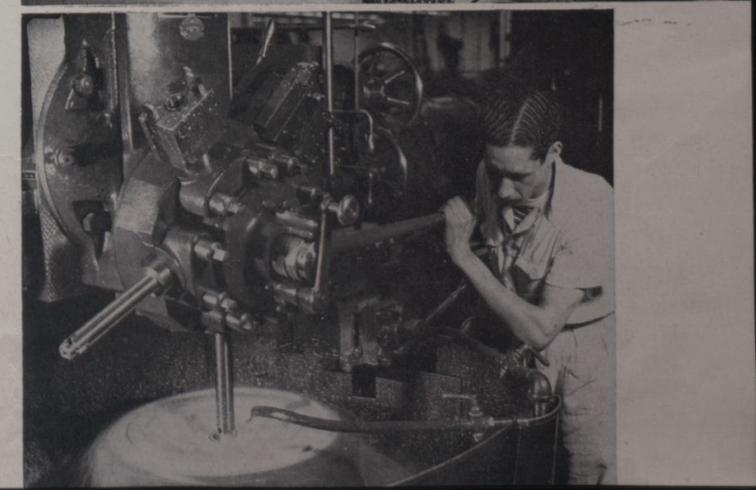
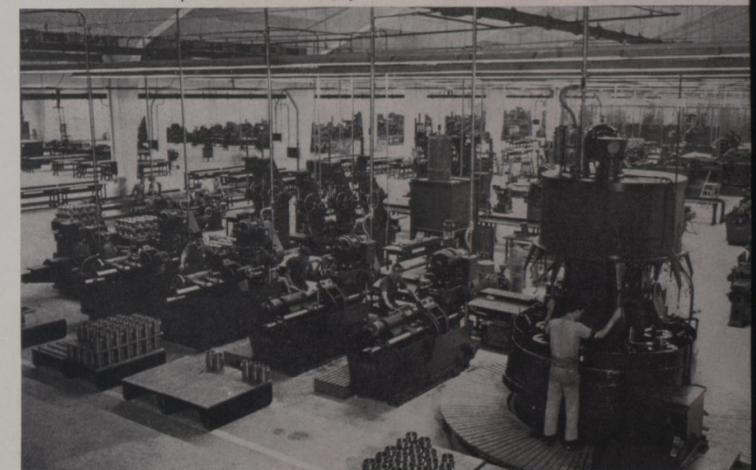
Valor ao trabalho

O caráter da indústria que ora se intensifica no Brasil veio dar especial relevo ao trabalho dos que nela participam. Por ser uma indústria altamente especializada, exige o que de melhor o país pode dar, como mão de obra, e esta faz jús a um aproveitamento que deve ser valorizado. Daí a necessidade de integrar no projeto da fábrica a construção de uma verdadeira cidade, onde possam viver e conviver todos quantos tenham que trabalhar na fábrica de motores. A cidade, cuja construção já está em franco andamento, terá capacidade futura para até 25.000 habitantes, entre engenheiros, operários e suas respectivas famílias. É um conjunto de edificações que constituem a última palavra em matéria de conforto e utilização de espaço. As magníficas vivendas e casas de apartamentos se completam com as escolas, as creches, os postos de saúde, centros de recreio, praças de desportos, cinema, igreja, hospital, hotéis e restaurantes. A ligação da cidade com a capital da República é feita por todos os modernos meios de transporte.

Ao brigadeiro Antonio Guedes Moniz deve-se a autoria e a incansável obra de organização dessa indústria em todos os seus detalhes. Graças à sua hábil orientação, os planos elaborados vão tendo perfeita execução. A montagem da fábrica é uma prova da valiosa cooperação brasileira-americana. O material foi obtido por intermédio dos Empréstimos e Arrendamentos e os créditos pelo Banco de Exportação e Importação. A Wright Aeronautical Corporation e a Fairchild Engine and Airplane Corporation autorizaram a fabricação, no Brasil, dos seus motores, muito tendo cooperado com seus ensinamentos para a realização desse vultoso projeto.

Um operário trabalhando num dos gigantescos tornos da fábrica. Essa é uma das cinquenta e nove operações necessárias para a fabricação de um carter principal. O tipo de motor atualmente em construção exige trinta e cinco mil operações

A Fábrica Nacional de Motores, a primeira na América do Sul a construir motores de aviões, desde a fundição até a montagem. Suas instalações são a última palavra. Em baixo: Vista parcial de Secção dos Cilindros no Pavilhão Principal da fábrica. Esta fica situada numa cidade especialmente construída, que constitui um modelo de urbanismo



O REGRESSO ÀS FILIPINAS



O novo presidente das Filipinas, Sergio Osmena, que assumiu o cargo por morte do Presidente Manuel Quezon, dá a sua primeira entrevista aos jornalistas, em Washington. Ao seu lado (à esq.) está o Gen. Carlos Rómulo, Comissário das Filipinas nos EE.UU. Em baixo: O gabinete prestando juramento perante o Presidente Osmena (à esq.). Vêem-se, da esq. para a dir.: Cel. A. Melchor, Subsecretário da Defesa; Dr. A. B. Rotor, Secretário da Presidência; Tte.-Cel. M. A. Erana, Procurador Geral; I. Mathay, Comissário do Orçamento; Cel. M. Nieto, Secretário da Agricultura e Indústria; Gen. Rómulo, Secretário da Propaganda e J. Hernández, Secretário da Fazenda. O governo das Filipinas está exilado, funcionando em Washington

O seguinte artigo, da autoria do General de Brigada Carlos P. Rómulo, Comissário das Filipinas nos Estados Unidos e membro do gabinete do novo Presidente, Sergio Osmena, descreve o ardor e interesse dos filipinos de colaborar com os Estados Unidos para libertar e rehabilitar sua pátria, devastada pela guerra. O General Rómulo, ex-ajudante do General Douglas MacArthur, logrou escapar de Batán poucas horas antes de sua capitulação. Desde então, não tem tido notícias de sua esposa nem de seus quatro filhos, um dos quais lutou com ele em Batán.

Ao aproximar-se a data da independência das Filipinas e ao criar-se a Comissão de Reabilitação, em virtude de duas resoluções aprovadas pelo Congresso dos Estados Unidos, o governo norte-americano demonstrou, mais uma vez, a sinceridade e o valor de suas promessas.

Depois de assinar ambas as resoluções, o Presidente Roosevelt declarou: "Nosso caráter, como nação, será julgado futuramente através da nossa compreensão e dos nossos esforços na grande obra de reabilitação das Filipinas."

Assim julgados, mesmo pelas nações que persistem em duvidar dos Estados Unidos, faltará fundamento para pôr em dúvida a sua sinceridade. "Nessa grande obra de reabilitação," os Estados Unidos e as Filipinas trabalharão novamente ombro a ombro, animados da mesma confiança mútua com que têm trabalhado juntos através de todas as crises sofridas nos últimos quarenta e cinco anos, em seus esforços para progredir. Nos anais da colonização, as relações entre os Estados Uni-



Ao marcharem para o campo de manobras, só um pensamento anima esses soldados filipinos, ora recebendo instrução militar na Califórnia: prepararem-se para resgatar sua pátria

dos e as Filipinas não têm paralelo, porque seus pontos capitais têm sido a cooperação e a amizade. A princípio, os filipinos desconfiaram dos norte-americanos e de suas intenções. Declararam-se em franca hostilidade e foram necessários três anos e meio de luta para subjugar-los. Mas, conforme já declarei em meu primeiro discurso no Congresso, "não fomos afinal conquistados pelos canhões, mas pela demonstração prática que nos deram os norte-americanos da sua concepção de democracia. Seus professores nos trouxeram novos métodos de ensino. Foi-nos proporcionado o que havia de melhor, para a saúde pública, para a construção de estradas e para a preparação dos nossos empregados públicos. Pouco a pouco, nosso sentimento para com os Estados Unidos transformou-se de suspeita que era, em grande confiança e lealdade."

Os anos decorridos têm aumentando essa lealdade. As Filipinas são um produto do Oriente e do Ocidente. A cultura da Ásia está no seu sangue. Seu cristianismo, ela o deve à Espanha, da qual adquiriu também muitos costumes do Ocidente e o idioma espanhol. A esse legado, os Estados Unidos adicionaram as instituições democráticas, o governo constitucional, o moderno desenvolvimento econômico e a língua inglesa. Estas duas culturas estranhas se fundiram com a antiga cultura dos filipinos, trazida pelos hindostãos. Assim, pois, os filipinos, colocados entre o Oriente e o Ocidente, estão capacitados para interpretar as duas civilizações, apesar dos marcados contrastes. Quando o Japão atacou as Filipinas, o povo inteiro preparou-

(Continua)

Enquanto examinam e limpam suas armas, preparando-se para a luta da libertação nacional, os soldados filipinos, ora nos EE.UU., têm sempre à vista o lema: "Lembra-te de Batán"





Durante muitos meses depois da queda de Batán e de Corregidor, só os japoneses podiam ver, do ar, a cidade de Manila. Mas agora a aviação dos aliados já



está bombardeando ali os pontos estratégicos dos invasores

se para a defesa. Sem vacilação nos colocamos imediatamente ao lado dos Estados Unidos, contra os nossos "congêneres orientais", os japoneses. Assim procedemos porque conhecíamos os Estados Unidos e também os japoneses. Não podíamos ter a menor dúvida em tomarmos aquela decisão.

As relações entre os Estados Unidos e as Filipinas, cultivadas durante anos de grande aproximação, produziram seus frutos na campanha. Nossos filhos combateram e morreram ao lado dos filhos dos Estados Unidos. Estes nos inculcaram o amor à liberdade e aos princípios democráticos, e, quando chegou a nossa vez, estávamos prontos a morrer por nossos ideais. Fomos leais para com os Estados Unidos. Como testemunho basta citar Batán e Corregidor. Dentre em breve, em novos campos de batalha, o sangue dos filipinos mais uma vez se misturará com o dos norte-americanos, como uma prova, para as gerações futuras, da nossa fé na democracia.

Expressiva promessa

Em nossa hora mais negra, depois da queda das Filipinas, os Estados Unidos nos faziam mais uma promessa, quando o Presidente Roosevelt afirmou:

"Prometo solenemente ao povo das Filipinas que sua liberdade será recuperada e que sua independência será estabelecida e respeitada. Esta promessa se apoia em todos os recursos morais e materiais dos Estados Unidos."

O povo norte-americano está cumprindo a promessa, através dos que trabalham nas indústrias, produzindo armas e munições, e dos soldados e marinheiros que tão galhardamente combatem sob as ordens do General MacArthur e do Almirante Nimitz.

Quando as nuvens da guerra obscureceram nossa pátria, o nosso saudosos presidente, Manuel L. Quezon, expressou a lealdade de todos os filipinos, sem distinção, quando disse: "Na vida ou na morte estamos ao lado dos Estados Unidos." A morte arrebatou esse grande patriota, que morreu lutando pela sua pátria no solo livre da América.

Seu sucessor, o Presidente Sergio Osmeña, assume a presidência das Filipinas em momento bastante oportuno. Sob sua hábil direção, as relações filipino-americanas alcançam novos marcos de perfeito entendimento e de unidade de objetivos. Há longo tempo um esforçado apóstolo da colaboração entre os dois países, o Presidente Sergio Osmeña, ao prestar o juramento da posse, na capital norte-americana, declarou enfaticamente:

"Minha maior preocupação é cooperar com os Estados Unidos, sem medir esforços, para alcançar a vitória que significa a completa libertação das Filipinas."

Ao organizar seu gabinete, o Presidente Osmeña encarou, cheio de esperanças, o futuro de sua pátria, compenetrado da árdua tarefa que tem diante de si. Em sua primeira reunião com seus auxiliares de governo, assim se expressou:

"Há meio século que as relações entre o povo dos Estados Unidos e o povo das Filipinas têm revelado à nossa pátria os elevados ideais e a sinceridade que sempre animam os Estados Unidos no seu trato conosco. Dessa associação emanou o entendimento mútuo e a cooperação que une os nossos países, resultando para as Filipinas um progresso que não tem paralelo na história. Na épica batalha de Batán, na qual os soldados filipinos e americanos combateram lado a lado, ficou selada a amizade entre os dois povos. Nosso dever é perfeitamente claro: é o que nos ditam a honra, a dignidade e a responsabilidade. Foi-nos traçado pelos grandes homens da nossa raça — Rizal, Bonifacio e Quezon. Marcharemos, pois, sem nos desviarmos da nossa rota, mantendo constante a nossa fé nos Estados Unidos e cooperando plenamente com os americanos."

O governo estabelecido em Washington pelo Presidente Osmeña está preparado para empreender a magna obra de reconstrução do nosso assolado país. A obra é vasta: urge dar de comer aos que têm fome, cuidar dos feridos e dos enfermos, abrir novas escolas, renovar os ensinamentos da democracia e do humanitarismo, levantar cidades e povoações das ruínas deixadas pela guerra. Os veteranos que retornam terão que ser atendidos. Urge amparar as viúvas e os órfãos. O lavrador e o operário irão trabalhar novamente como homens livres, engrandecendo a si, aos seus e a sua pátria; as naveas do comércio, mais uma vez, irão singrar os nossos mares. Teremos então a auspiciosa oportunidade de fazer parte do concerto das nações, como povo independente, industrial e trabalhador. Os sofrimentos por que ora passamos nos serão estímulo para ainda maiores conquistas no campo das nossas atividades, fazendo-nos orgulhar das nossas lutas e das nossas tradições. Com a amizade e a cooperação do povo norte-americano e das nações pacíficas do mundo, nada teremos que temer. O futuro se nos apresenta cheio de esperanças; tudo saberemos fazer para que sejamos dignos da sua ansiada realização."

Numerosos açudes formam o importante sistema de irrigação das produtivas terras agrícolas das ilhas Filipinas



O cânhamo de Manila é uma das fibras de maior aplicação industrial, achando-se entre as principais fontes de riqueza das Filipinas



Desde tempos imemoriais os filipinos têm sido grandes agricultores. O açúcar é um dos principais produtos da sua variada exportação



Antes da invasão não havia nas Filipinas terras por cultivar. Até as colinas eram aproveitadas para cultivar arroz



Os Veteranos Tornam às Aulas

A OS bancos universitários estão voltando em número sempre crescente os jovens que regressam da guerra e desejam reencetar seus estudos interrompidos pela urgência de servir à pátria nos campos de batalha.

Todos têm prestado serviços no Exército e na Armada. Alguns estiveram longo tempo combatendo em várias partes do mundo; outros acabam de se restabelecer de ferimentos recebidos na luta; outros ainda, são inválidos, que não podem dispensar as muletas.

Espera-se que o total desses estudantes assuma grandes proporções, pois, quando terminar a guerra, grande parte dos 300.000 universitários que estão servindo nas forças armadas voltará aos estudos.

A readaptação à vida estudantina será difícil para muitos desses jovens que a guerra transformou temporariamente em soldados, marinheiros e pilotos aviadores. O problema é um desafio lançado às instituições de ensino do país, desafio que está sendo francamente aceito e tomado na mais elevada consideração. E assim que já foram postos em prática alguns dos planos cogitados especialmente para enfrentar a situação do retorno às aulas de tantos ex-combatentes. Os planos variam segundo as circunstâncias, mas todos têm idêntico propósito: facilitar-lhes o mais possível a transição do estado de guerra para o de paz, e ajudá-los a terminar quanto

antes os estudos interrompidos, de modo que possam dedicar-se às carreiras que tinham escolhido. É uma justa aspiração que urge ser atendida. Já se antevêm algumas dificuldades, como por exemplo, a decorrente da falta de recursos de alguns dos veteranos. O Congresso, entretanto, já aprovou uma lei para auxiliar todos que estiverem nessas condições. A lei providência para o custeio, pelo governo, dos cursos de reabilitação, de um ano. Aqueles que não tinham completado 25 anos de idade, por ocasião do alistamento militar, também poderão matricular-se em qualquer colégio ou instituição de artes e ofícios, e estudar um ano por conta do governo, recebendo, além disso, a remuneração correspondente ao tempo que estiveram servindo nas forças armadas.

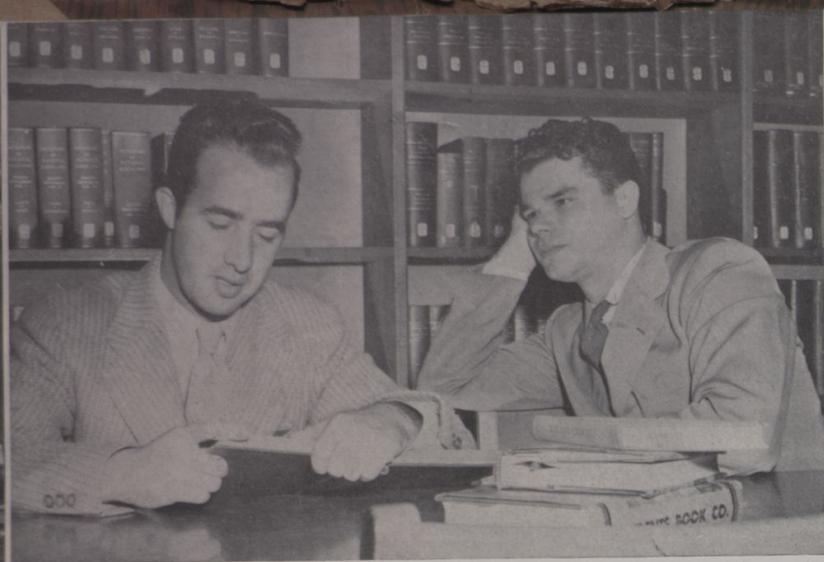
Há ainda outros problemas que os educadores estão tratando de resolver. Há, por exemplo, o caso do veterano que deixou o serviço das armas, depois de três anos no Corpo de Infantaria de Marinha. O rapaz receia ter se esquecido muito das matérias estudadas durante dois anos de universidade, para poder prosseguir os estudos sem o perigo de ser reprovado nos exames. Os professores da universidade procuraram resolver o problema praticamente: submetem-no a um exame preliminar, fazendo-o repetir as matérias nas quais se mostrava mais atrasado, de maneira a poder continuar os estudos desde onde os havia interrompido. O mesmo método de

(Continúa)

Milhares de combatentes que regressam das frentes de batalha estão retornando às universidades para continuarem seus estudos interrompidos pela guerra

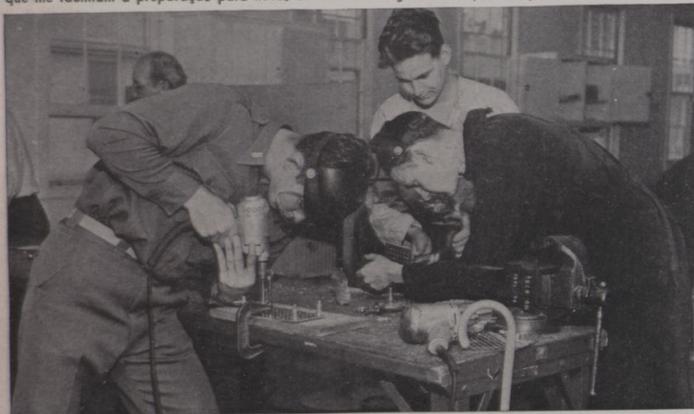


Oficiais e soldados, depois de deixarem o serviço das armas, voltam, novamente como civis, sobraçando livros, para prosseguirem na sua preparação



Ben Noble (à direita), um dos 225 soldados norte-americanos que perderam a vista em combate durante esta guerra, está estudando direito. Um amigo lhe lê as lições

Numa fábrica de aviões, na qual os inválidos da pátria encontram classes especiais que lhe facilitam a preparação para novos ofícios. Todos ganham enquanto aprendem



Depois de dar graças a Deus pela libertação de sua pátria, essa mulher francesa permanece sozinha, em profunda meditação, na Catedral de Chartres →

reabilitação será adotado para milhares de ex-combatentes que tiveram seus estudos interrompidos pela guerra. Segundo o Dr. Charles Seymour, reitor da Universidade de Yale, "esses estudantes merecem atenção especial e deve ter-se em consideração a situação em que se encontra cada um deles."

A atenção especial a que se refere o Dr. Seymour tem inspirado numerosas reuniões de educadores, ansiosos de discutir todos os aspectos da situação. Só eles poderão avaliar das verdadeiras necessidades dos veteranos, nessa obra de reajustamento à vida universitária para poderem concluir satisfatoriamente seus estudos.

Com o fim de facilitar a readaptação, muitas instituições de ensino estão mantendo constante contato com seus antigos discípulos, através de publicações especiais relatando as atividades universitárias, assim como por meio de livros e outros informes. E para ativar a terminação dos estudos desses ex-combatentes, na ocasião oportuna, comissões especiais de docentes já têm elaborado programas adequados. Mesmo para aqueles que se encontram internados em hospitais, as autoridades militares também já organizaram um programa que lhes facilitará o mais possível a reiniciação nos estudos. As matérias estão a cargo de escolas normais, colégios e universidades que enviam, pelo correio, periodicamente, os pontos a serem respondidos, em verdadeiras provas feitas por correspondência.

Novos horizontes

Alguns dos estudantes que regressam das frentes de batalha, por sua vez, mudam de idéia em relação aos estudos a que antes se dedicavam. Nas forças armadas tiveram oportunidade de fazer cursos especializados de rádio, de fotografia, de engenharia, de aeronáutica e de tantos outros ramos de saber. Há ainda os que desenvolveram suas habilidades no terreno da mecânica e que manifestam maior desejo de continuar se aperfeiçoando nesses conhecimentos. Para todos há novos cursos indicados, afim de prepará-los mais a fundo para profissões de grande utilidade.

Por fim, encontram-se aqueles que voltam indecisos: precisam reviver seu interesse, depois de terem passado pelos horrores da guerra, sujeitos a choques que perturbam momentaneamente a faculdade de discernir sobre problemas de carácter pessoal. Nesses casos entra em ação a preparação vocacional, através de "tests" especiais, atinentes a revelar em cada individuo a sua melhor aptidão. Muitas vezes, a indecisão é passageira, como que um produto da excitação mental do combatente egresso das fileiras. Um pouco de estimulante, na forma melhor indicada, serve para reatar predileções desviadas pela guerra.

Todo esse esforço da parte dos educadores tem dado causa a novos métodos de ensino. No estudo de línguas, por exemplo: procura-se dar ao estudante um conhecimento amplo, o mais detalhado possível, do país onde se fala o idioma que ele estuda. Quanto à filosofia, à música, etc., o mesmo objetivo se procura inculcar no estudante, através do conhecimento das nações, dos povos que mais têm contribuído para o desenvolvimento dessas disciplinas do curso. Adotando esse sistema, expande-se no estudante o interesse para conhecimentos ainda mais variados.

← Ao terminar seu tempo de serviço no Corpo Feminino Auxiliar do Exército, Mary Jane Webb volta aos seus estudos, amparada pelo governo, que lhe garante o custeio do curso. O mesmo se dá com todos os demais veteranos



As fotografias publicadas neste número são das seguintes procedências: Capa, Horydzak, contra-capas interior, Acme, contra-capas, ACME, contra-capas exterior, FPG. Páginas do texto: 1, Acme; 2, Acme, PA, 3, Acme, Harris & Ewing, 4, PA, 5, H. & E., 6, 7, PA, Int., 8, Alan Fisher (de CAI), 9, PA, CAI, 10, Sydney Kovitz (de Coronet), 11, Brooklyn Children's Museum (Hartman Foundation), 12, Acme, 13, Acme, FLPG, Keystone View Co., 14, H. & E., 15, Int., 16, PA, 17, H. & E., 18, H. & E., Acme, 19, CAI, 20, Dark, Federal Security Agency, PA, 21, Dark, Carroll Van Ark, 23, MEU, 24, Int., Bill Stah, 25, Puch Bros., PA, 26, PA, 27, Dep. da Guerra, 28, Chautauqua Inst., FLPC, 29, FLPG, 30, Acme, 31, FPG, 32, 33, CAI, 34, PA, H. & E., 35, PA, Acme, 36, 37, PA, Gov. das Filipinas, 38, 39, Acme, 40, PA, Int., H. & E. Abreviaturas: CAI, Bureau do Coordenador de Assuntos Interamericanos, MEU, Marinha do E.E.U.U.